



Andam vários boatos por aí que precisavam acabar de uma vez. Já ouvi dizerem que está entrando tanto dinheiro no «Patomacho» que seus editôres ultimamente só tomam banho de leite de jumenta. Ridículo! Com o preço do leite de vaca como está, imagine só o de jumenta. Pessoalmente, tenho me dado muito bem com o leite de cabra, bem mais barato e tão ou mais emolente. O Tatata prefere o efeito fulgurante do leite de lhama contrabandeado, mas o Tatata se move em círculos onde o brilho fácil é um chamariz. Chacun son gout, ou cada um com sua gota, como dizem os franceses.

Também não tem fundamento a notícia de que o «Patomacho» estaria prestes a comprar os Diários Associados. Quem anda espalhando isso são os Diários Associados. Fizeram, isto sim, uma oferta pela Rede Globo — ou seja, a Renata Sorrah e tudo que a cerca — mas a resposta, de Nova Iorque, foi taxativa: «Never». Ou foi «Lever»? Enfim.

Começaremos a construir nossa sede própria assim que ficar decidido se a piscina térmica vai no segundo andar, caindo em cascata sobre o viveiro de cisnes no primeiro, ou se a gente economiza para comprar um telefone. Temos também em vista um prédio na avenida Ipiranga, modesto para as nossas pretensões, mas com a vantagem de já vir com um off-set quase novo. Ah, decisões, decisões.

Outra coisa. Muita gente me pergunta se o jornal deixou temporariamente de gozar com certas pessoas devido a pressões econômicas, de parte de anunciantes, ou políticas, de um valor mais alto. A mera sugestão de que isso pudesse ter acontecido é insultuosa e mostra que quem a faz não nos conhece. O jornal deixou definitivamente de gozar com certas pessoas devido a pressões econômicas, de parte de anunciantes, e políticas, de um etc. Sacrificamos tudo pelo nosso ideal, que é sobreviver a qualquer custo. O caminho para o Inferno é pavimentado com garrafas de Chivas.

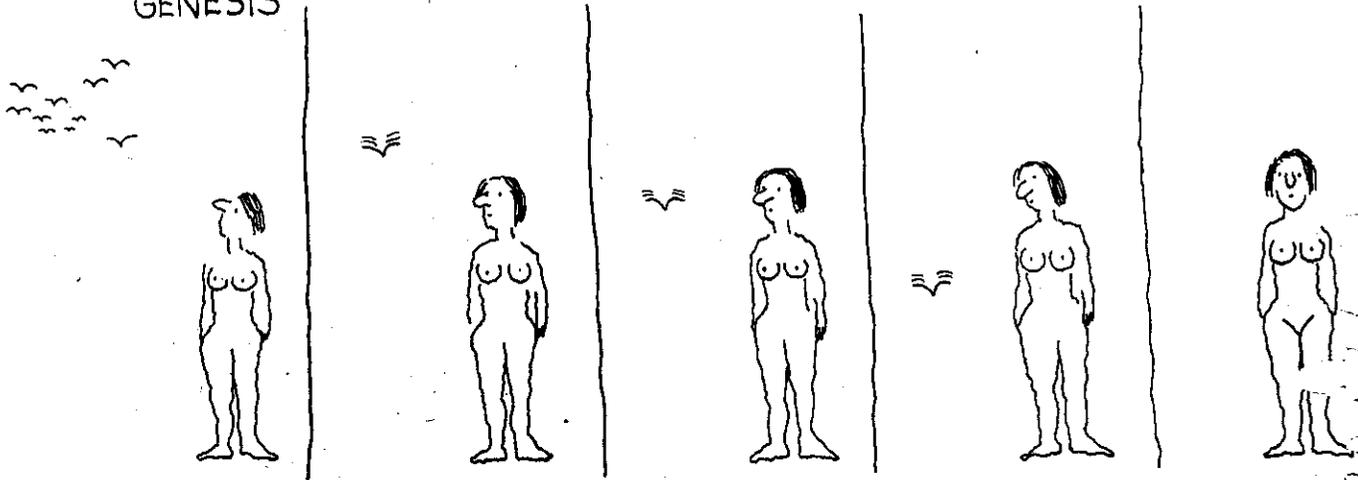
Finalmente, quero esclarecer uma questão que tem suscitado algumas dúvidas: Odette de Crecy existe mesmo, ou é um pseudônimo? Não há porque esconder a verdade. «Odette de Crecy» é o pseudônimo de Harry Sabugosa. Alguma outra pergunta?

**PAZ**

**FERNANDO**

**LUIS VERÍSSIMO**

**GENESIS**



**FIORAVANTE, O CONTESTADOR**

Seu pai é o Joaquim da Fonseca. Sua mãe também. (O Joaquim ganha presente da sua criação quatro vezes por ano. No seu aniversário, no Natal, no dia das mães e no dia dos pais. E sempre o mesmo presente: uma bomba relógio).

É um puro. (O Fioravante. O Joaquim é melo misturado). Um pacífico. Um otimista. Um ingênuo. Um sonhador. Quer dizer: uma ameaça à ordem estabelecida!

Entre o seu horror ao Establishment e necessidade de abalar as estruturas, e seu bom coração, Fioravante chega a um incerto meio-térmo: seus coquetéis molotov são de vidrinhos de Iodo com mecha de lâ. E ele sempre esquece de dar corda nas bombas-relógio.

Fioravante nunca foi preso. É a sua vergonha. Um dia dedou a si mesmo como perigoso agitador, mas foi sóito logo em seguida como prêmio à delação.

Outra vez resolveu que a esquerda a que pertencia estava festiva demais e resolveu acabar com aquilo. Reuniu toda a turma numa festa na sua casa para discutirem o assunto.

Fioravante acredita na paz e no amor. Como o Joaquim.

Trabalha na MPM Propaganda. (O Joaquim. O Fioravante não tem nenhum meio visível de sustento). Tem uma mulher, Terezinha, um filho, Luciano, e um bigode, ainda sem nome. Fioravante não é sua estréia no Pato. Lembra aquelas bolações com as letrinhas? Pois é.

O Joaquim avisa que não se responsabiliza pelas ações do Fioravante nestas páginas, mas diz que não há o que temer. Fioravante é incapaz de matar uma môsca. Já aleijou várias, tentando, e não conseguiu.

Fioravante está definitivamente incorporado à patota do Pato. Ele voltará.

FLOR É ALEGRIA!  
FLOR É PAZ!  
FLOR É JUVENTUDE!  
FLOR É VIDA!



**Joaquim Fonseca**



dois

Porto Alegre, 19 de Maio, 71

Prezados leitores

Eis o Pato Macho de volta às suas mãos. Na capa — um ba rato Nas paginas seguintes toda a patota. Ao lado na 2 o L.F. Verissimo. Aqui o Moacyr Scliar. Pág. 4 uma carta do SOM IMAGINARIO — Ze Radix 5 — Carlos Nobre 6 e 7 os críticos atacam os não críticos de cinema. Na 8 o Terror Marcos Faerman. Na 9 o terror do Tãtã na sociedade 11-14 — e 15 Serviço Geral do Proivincio unidas e etc. Discor-line CENTRAL = free Press O Coi colocamos na pagina 10 TRANSAS: 17 e 19 Cartas nas paginas 21 e 22 E ainda tem Odette de Geçy na 22. Ferlanto ataca (de novo!!!) na pag. 23. E as capas, de colher! Irredialmente o Pato.

# NOME DA VIDA E CUMPRAL

## TUDO QUE SE CRIA EM

Como diretor do Departamento de Cultura de nosso clube, convido Saulo Kranfs para fazer uma conferência sobre o Oriente Médio. Jornalista, professor, ensaísta, Saulo é naturalmente um homem muito ocupado. Não me surpreende vê-lo chegar uma hora atrasado à conferência.

— O atraso aumenta o interesse da assistência — confidencia-me ele, enquanto tira o sobretudo. Este homem pequeno e ruivo, de óculos de lentes grossas e gestos nervosos — quem o imaginaria dotado de tanto valor?

Com alguma emoção apresento-o a um público numeroso e expectante. Enumerando seus títulos, digo que é uma honra tê-lo em nosso clube. Enquanto falo, ele rabisca num pedaço de papel. Quando termino, levanta-se.

— A situação no Peru... Fala cinco minutos sobre o Peru. Algumas pessoas se mexem nas cadeiras. Passo-lhe um bilhete: -A conferência é sobre o Oriente Médio-. Ele volta-se para mim.

— Como? — murmura assombrado. — Não é sobre o Peru?

— Não — sussurro. — É sobre o Oriente Médio.

— Tem razão — diz ele, consternado. — Sobre o Peru tenho de falar amanhã, em outro clube.

O público tem os olhos fixos em nós.

— Quem sabe conversamos na sala ao lado? — sugiro.

Ele concorda. Levanto-me:

— Meus senhores, o orador

solicita licença por alguns minutos. Entramos na sala da diretoria. Saulo joga-se numa poltrona.

— Não preparei nada sobre o Oriente Médio — choraminga.

— Poderíamos suspender a palestra... — digo.

Olha-me irritado. — Posso falar sobre qualquer coisa em matéria de política internacional.

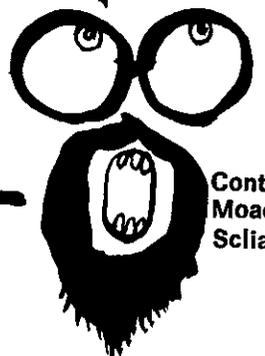
Pede-me alguns dados. Explico-lhe, o melhor que posso, a situação do Oriente Médio. Falo sobre Israel, os judeus, dois mil anos de perseguições, seis milhões de vítimas na Segunda Guerra, milenar aspiração por Israel, colônias coletivas, drenagem de pântanos e cultivo do deserto, ciência e tecnologia. Falo sobre os árabes, o despertar do nacionalismo, Egito, Assuan, os refugiados palestinos, petróleo. Menciono russos e americanos. Ele me pergunta por atentados contra o consulado americano — em que cidades? Quando? Vou respondendo, ele toma notas.

Voltamos ao salão, ele retoma a palavra e condena Israel em termos candentes. O público escuta-o num silêncio gelado.

No fim da palestra, ele é rodeado por um grupo. Discutem acaloradamente. Por fim ele me procura. Está pálido de raiva:

— Por que não me disseste que eu estava falando num clube de judeus?

Reconheço que tenho muito a aprender. Amanhã vou assistir a uma conferência sobre o Peru.



Conto de Moacyr Scliar

três



# BICHA!

(CALMA, ESTAMOS FALANDO EM JUIZ DE FUTEBOL)  
Carlos Nobre

Qual o maior juiz de futebol do Brasil? Ora, até os cronistas esportivos, pessoas que no geral entendem balhufas de futebol, sabem que é Armandinho Marques. Pois aí é que está. Várias vezes o atilado leitor deste hebdô ouviu dizer que futebol é jogo pra homem... Entretanto temos aí entusiasmados práticos entre mulheres, notadamente em São Paulo, onde o chamado belo sexo apelou, com mulher meia-direita e outras atuando no gol, sacumê, fazendo suas defesas. Mas isso deixa pra lá.

Atualmente certos rapazes com gestos das maiores vítimas do xilques do Ar-nervosos e corridinhas bastante suspeitas,

andam por aí, fazendo pri-pri-no seu apitinho. É o caso do Armando Marques, o Armandinho, como é mais conhecido. Esse fala grosso com sua voz fininha quando se dirige aos jogadores. Corre apressadinha quase aos pulinhos de balê, ou então em passadas elegantes, como se tivesse desfilando na passarela da dona Mary. Enfim, o Armandinho é um juiz dos mais ativos. Puxa, se é.

Como ele adora badalar uma das coisas que mais gosta é chamar a atenção de Pelé. Aliás, o bom crioulo é uma

mandinha. Contam até que, certa vez, ao

expulsar o filho do Dondinho do grama-do, teve uma curiosa alteração com o desafeto. Ao ser chamado atenção pelo Armandinho, com o dedinho trêmulo do distinto em seu nariz, Edson Arantes chegou o divino sacco e respondeu com uma clássica expressão da bandalheira verde-amarela, aliás, muito comum ao terceiro rios separados dos atletas, senão... respondeu:

— Olha aqui, não adianta me agradecer, não. Não adianta me agradecer. Rua. Você está na rua, seu Edson!

Por aí, caros patomachenses, vocês podem deduzir que o futebol também faz a sua concorrência a outros setores profissionais, tais como cabeleireiros, costureiros, Ballarinos e tal e coisa. Enfim, para o futebol campeão do mundo, é ótimmo que certos juizes tenham seus vestí- rios separados dos atletas, senão... cru- zes. Assim eles ficam nos seus e pronto. Se algum deles tiver alguma frustração por isso, vem a hora da entrada em campo, quando milhares de pessoas berram: «Bicho!» «Bicho!» «Bicho!» Para o Armandinho isso, afinal de contas, é a glória.

## Charles O NOBRE

Para não se sentir diminuído no meio de um grupo tão importante, disse logo: «Sabem, não é pra contar vantagem, não, mas eu também sou meio bicha».

A coisa que eu acho mais hipócrita nas gráficas é chamar queijo de «fromage» quando está vendo que é queijo mesmo.

Encontro o Hofmeister: — Nobre, vou ser homenageado na Universidade de Santa Maria. Receberei o título de «doutor Honório-Caldas».

Se não existisse o mau gosto, quem casaria com as mulheres bofes?

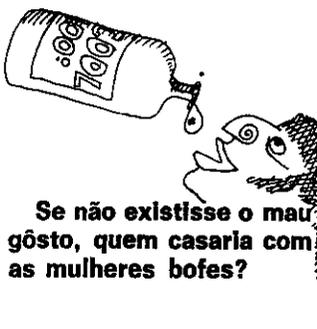
Luiz Fernando Veríssimo, ontem, disse sua primeira palavra. Aconteceu aqui no Patomacho: «Ma... mamãe».



(Dedicada ao Marcão) Na luta contra os árabes, Israel continua esperando que cada um compre sem dever.

Aquela carta aberta ao Rui Sommer, no Patomacho n.º 4, foi apenas uma brincadeira minha. Sou completamente abstinente, só abrindo exceção para o álcool.

Sim, sim, as bichas adoram os rapazes perdidos porque elas são muito dadas em achá-los.



## ENFIM, UMA DE CRÉDITO NESTE JORNAL!

Crédito Direto ao Consumidor  
da MAISONNAVE, bicho.

PODE CRER, É FÁCIL PACA COMPRAR AQUELA MOTO E BANCAR O EASY-RIDER. OU ENTRAR NUMA DE CARANGO ENVENENADO. OU UM "BUGY", QUEM SABE? A BOCA É NA MAISONNAVE. O PAPO É CRÉDITO DIRETO AO CONSUMIDOR DA MAISONNAVE. COMPRA A VISTA E PAGA EM ATÉ 24 MESES. DOIS ANOS! MOLEZA, HEIN?



**Maisonnavé s.a.**  
Crédito, Financiamento e Investimentos  
RUA DOS ANDRADAS, 1432

CMCO

**OS EMPIRO CRITICISTAS**  
**Marco Aurélio**  
**Barcellos**

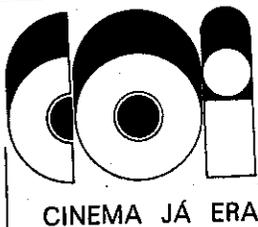
Já se disse há muito tempo (e tantas vezes que já saturou), que o cinema é a arte da aparência, e que é através da metáfora do cenário que ele se soluciona. Já se disse muitas vezes que o cenário é a representação sintética do mundo real, o eixo principal do filme, o elo que estabelece o vínculo indissolúvel entre o filme (como trabalho crítico e sistematizado) e a realidade (como elemento puro, caótico). Já se sabe também que o filme tem que se manifestar pelo símbolo (na sua conceitualização ampla) sob pena de se transformar numa foto plana e descolorida da realidade que ele enfiça. Já se disse muita coisa sobre o personagem, o ator, a história, enfim, todos os vetores que estabelecem uma finalidade específica e uma configuração para um filme. Já se falou no cinema como arte política; na sua ética, na sua estética, na sua axiologia. Já se mostrou os cineastas da verdade e os cineastas da empulhação (e se explicou porque); o cinema do realismo e o cinema do ilusório. E isso tudo, perdooem, com critério e, principalmente, com seriedade.

Ora, eu não tenho culpa se a má vontade ou a burrice de uns caras que andam por aí com essa onde de "críticos da crítica", os impede de reconhecer um negócio tão elemental. Vem aí com seus preconceitos, suas fanfarronias culturais, seus purridos acadêmicos, sua frescura intelectual, seu racionarismo, encher o saco da gente na base do "falta um método, uma normativa, sem os quais vocês caem necessariamente no impressionismo crítico". Ora, eu não tenho sangue de barata pra suportar o ranço desses postulados do culturalismo juvenil. Gente que vem aí com essa bobagem que o John Wayne é bicha e que por isso não se pode reconhecer o talento do cara, sem ferir a sensibilidade (essa sim, bicheira) dos puristas do cinema. Se fazem de bobos e se expõem publicamente ao ridículo, acusando de "ininteligíveis" esta ou aquela apreciação crítica, só porque eles viram no filme uma realidade que os borra de medo e leram na crítica, uma busca de reflexão sobre uma coisa séria. Que é isso minha gente? Vocês acham que a arte se move pelos mesmos princípios confusos e escapistas que determinam a atuação de vocês? Quer dizer que o papo agora é botar vizeira, só porque o avesso das coisas, mostrado pelo avesso, vocês não gostam, não é perfeitamente compatível com a resaca existencial que vocês não sabem curar? Vocês não acham que essa estória de malhar a crítica, é um pretexto capenga pra desculpar uma atuação que vocês nunca tiveram? Cortem essa, meus! Vão ser picaretas e poltrões na casa do Nelson Rodrigues! Mas, se o que vocês querem mesmo é aparecer, sugiro que se candidatem a jurado do Flávio Cavalcanti. Via embretel, a idiotice sempre adquire um ar de certa solemnidade.

Mas deixa isso pra lá, o negócio é o seguinte: quero ver o que têm a mostrar esses encheedores de saco. Quero ver o artiguinho d'áles assinado e publicado no jornal. Mas por favor, procurem pelo menos, dizer coisa com coisa. Malhem e escolhambem que o choro é livre, mas digam coisa com coisa! Venham com galhofa se quiserem, mas também com razões.

Fica o convite, meus caros amigos escamoteadores: venham a público defender o cinema brucha que fascina vocês.

Em tempo e a propósito: de um artigo publicado por aí, nesta edição: essa de que o "cinema já era", é fraca. Não val colar.



**CINEMA JÁ ERA**

No começo o cinema era experiência, informação nova. A comunicação veio mais tarde. O teatro ainda dominava. Citáveis pelo Paulo Raymundo não entravam num cinema. Não era de bom tom. O cinema era consumido por empregadinhas, pequenos burgueses da época. Gente fina ia ao teatro. Mas a informação nova tinha a técnica a seu lado, aprimorou-se, virou cultura. O espaço cênico transformou-se em estúdios, super-produções. A nouvelle vague, uma espécie de bossa nova cinematográfica, veio assim como a decadência de uma civilização. Não sei quem disse, eu ouvi, que as civilizações morrem quando atingem o apogeu. E o apogeu do cinema chegou com Buñuel, Godard, Visconti, Antonioni, pra não falar dos norte-americanos, que eu não conheço. A seu lado cresceram Jefferson de Barros, José Onofre, Goida, os cariocas do Jornal do Brasil. O cinema, de comunicação, passou a erudição. Estava morto. Resta-nos enterrá-lo, na mesma cova, o cinema e seus profetas. A televisão chegou, minha gente! Ela traz uma nova imagem, uma comunicação quase perfeita. Ainda tem gente achando que novela é pra empregadinha classe média ou pra vila do IAPI. A mesma reserva que antecedeu o sucesso total do cinema, antes do teatro, está ocorrendo hoje com a televisão. É preciso saber das coisas, não é lícito esperar que elas aconteçam por si. A televisão veio pra ficar. As novelas da Globo ainda atingirão intelectos: novela é cultura, ou ainda será. Um dia haverá os José Onofres da televisão. E neste momento um outro dirá: a televisão já era.



**A**  
**GUERRA**  
*(dos críticos contra os anti-)*

**HARRY SABLICOSA**  
**O ARMÁRIO DA MORAL**

O meu assassino de encomenda era crítico do cinema Hiron Goidanich, que assina sua coluna na Zero Hora. Já se vê que o meu ofício é matar

Entretanto, heaven knows, Mr. Allison, quantos vezes a sublime tentação levou-me com a vento a rasgar dezessete e setecentas esboços, nos quais fiz uma confusão dos diabos, chegando até a achar que o Goida estava certo e o que eu a crítica, errado. Um maledito embréglia.

Vinte tentativas, dezessete e setecentas desacetos, você tem que me voltar três e trezentos. Ou oito e meio. Mash soldado. Bôca tio, se tenta.

O que estes trocadilhos não escondem — I confess — é que acho o Goida o melhor crítico de cinema de Porto Alegre e estou cheio de dedos para descer-lhe o pau. Mas vamos lá. Quem paga o soldo é o diabo.

Minha bronca com Mr. Goida aparece quando ele deixa de ser crítico para assumir o papel de moralista. Preposterous! «O universo de Ingmar Bergman é tortuoso e negativista» diz o bom Goida. Ora, isso não é crítica, mas um juízo moral. E olhe lá, Goida. Se o filme apresenta personagens «negativistas» (adotemos, para argumento, tais positivos e negativos) e situações «negativistas», não implicam que vá corromper a platéia. O habitual é que conduza o juízo ético do espectador para o sentido oposto do que retrata. Se os filmes devem ser «positivos», isso significa exigir atestado de «boa conduta» sobre o comportamento do homem e do universo. Então não se poderia apresentar suicídio, dúvidas quanto ao sentido da existência, neuroses, angústia, náusea. Você tem de decidir, Goida. Ou é crítico ou moralista.

Levando a crítica para este âmbito e rotulando os filmes de morais ou imorais (vale dizer, «negativistas») e não-

«negativistas») você abafa e encerra todo o seu agudo senso crítico no armário da Moral, esta senhora dona de casa que a gente não sabe bem onde anda e o que faz.

E olhe que é difícil achar um filme imoral. Não o fazem o citado Bergman, nem Fellini ou os pornográficos. Filme imoral! (estou a buscar um) só me ocorre, talvez «Rififi», porque ensinava uma nova técnica de roubo, que passou a ser usada desde então por serelêpos larâpios.

Bergman, in casu, não faz filmes para que as pessoas se metam em lhas e passem a decapar carneiros. Ele nos diz, alerta, numa linguagem criativa, que a lha, a crise, os sacrifícios estão dentro de todos nós e que há vários caminhos, alternativas, situações, enfim momentos, que se deixa passar, que se ignora, ou que se percorre, ou que se volta... Ele não conclui, apenas mostra, como profissional que é, dotado de técnica e dignidade.

Bem, é isso. Agora uma palavra à nossa seleta assistência: não Johnny Right e o Goida Maybe Wrong. Tudo isto que eu disse não invalida o trabalho d'ele e não consagra o meu. Acho bom esclarecer essas coisas, porque o terreno da crítica está inçado pelas ervas daninhas da auto-afirmação e do desrespeito. Estamos cultivando o nosso jardim, gente!

Goida, baby, foi uma honra, embora não um prazer, tê-lo sob o meu tapete. Volto-me, Goida, no solo, ferido pelas costas, consegue empunhar seu revólver e me enquadra. Mas não atira. Sua bondade é tão autêntica que ele morre com um sorriso (big c'ose-up) e me deixa partir. Este, confio, é um final «positivo». Luzes. Pede-se o especial obsequio de não fumar.

ÉSSE GURU É UM CHARLATÃO



É UM GURU VENAL E COMERCIAL



VOU DEMONSTRAR MEUS PODERES



PRIMEIRO LEVITAÇÃO SIMPLES



**CAROLÃO, NÃO**  
Goida

Já imaginaram a gente fazer crítica ao crítico do crítico? É quase cair na queda onda do Ruy Barbosa-não-sei-contra-quem, que deu a "Réplica" e a "Tréplica" e não foi adjacente porque "Quatreplica" é quase palavrão.

No columnismo diário, pelo menos já comigo, sempre adotei uma atitude nada totalitária em relação à turma que discordava das minhas ideias. "Não gostou do comentário?", "É a favor do filme?", "Então escreve cinquenta linhas que eu publico, desde que não parta para o insulto pessoal" (vale me chamar de "Calhordaosaurus Goldantus"; só não acito o "som of a bitch").

Bom, mas o negócio é que o José e o Luiz me enfazaram. "Tens de escrever", disseram eles e acabei aceitando uma briguinha que nunca passará daqui, do papel e do sorriso. Eu admito demais o Harry Sabugosa para discutir com ele qualquer coisa, mesmo o Bergman, em cujo caso, tenho certeza, Deus, Diabo e Terra do Sol estão do meu lado.

Diz o Sabugosa que deixei de ser crítico para assumir o papel de moralista. Ao me referir a obra atual do suco, diz ele, emiti um "juízo moral". Assim falando, e pegando as palavras ao pé da letra, todo mundo há de me julgar um carolão, um negador das virtudes da carne, crua ou assada, como é o próprio Bergman.

No meu linguajar mais simples, ou a gente é moralista ou é pornógrafo. O próprio Harry sabe que me coloco, inócuamente, nesta segunda premissa. O meu julgamento de uma obra jamais seria pelo seu teor moral — moral convencional, no caso, como Harry deu a entender. Digamos, isto sim, um julgamento existencial. Jamais pediria a proibição de Bergman ou qualquer outro artista, acusando-o de corrompedor das virtudes do Ocidente Cristão. Acho, isto sim, que o homem está numa fase que não dá para agüentar, é quase, com o perigo pela comparação, um Gustavo Corção às avessas. Para Bergman, o corpo lá era ("O Silêncio") e a alma (melhor dito, o espírito) sumiu ("Persona").

Restou o nada. Ai, então, eu parei. E como se tivesse um amigo que todo dia me enchesse o saco repetindo: "Goida, larga a tua mulher. É impossível a comunicação carnal". Goida, não tá mais. Não vale a pena". "Goida, isto, Goida, aquilo", todos os dias. Não daria para agüentar.

Você mesmo, meu caro Harry, fugiria de um indivíduo assim, mesmo que ele defendesse, com o máximo de elegância e criatividade, as suas ideias negatistas (cabe aqui o termo?).

Ponto final. Nada mais a discutir. A Bergman o que é de Bergman e a você, meu caro Sabugosa, uma sopa de carne com conchinhas de massa, que eu mesmo quero preparar com todo amor e carinho. E viva a carne, a copa e o espírito do vinho (ou da Pepsi, para ser mais autêntico comigo mesmo).



**A NOUVELLE**  
**Fernando Westphalen**

O Luís Fernando, sempre a fim de me complicar a vida, quer que eu escreva sobre os críticos de cinema. Os caras são brabos pra burro e vão partir a tijolos pra cima de mim. Mas não tem nada, não. Lá vai chumbo.

Em primeiro lugar, não existe crítica de cinema. O que eles fazem não passa de obra-obra metafísica a seus diretores eleitos. Que eles só chamam de autores. Para eles, todo diretor é autor. Jamais falam na figura do produtor, quase sempre o cara que escala o elenco e contrata a equipe (o diretor inclusive) para filmar uma estória, comprada por ele produtor. A nouvelle critique, desconhece o trabalho de equipe. Nunca faz a apreciação do trabalho dos atores, iluminadores, montadores, roteiristas, etc... Tudo porque um dia um intelectual daqueles do Cahier du Cinema escreveu que isso era demodê. Bastou para os meínos passarem a votar olímpico desprezo ao assunto. O mais interessante é que a nouvelle critique bebe água na França, mas só se satisfaz com os filmes americanos. Glauber Rocha? Charlotão mstificador. Buñuel, idem. Cinema francês? Já era. Aliás nunca foi. Salvo uma ou outra coisa de Godard e Truffaut, assim mesmo porque eram do Cahier e adoravam John Wayne. Mas ah, os filmes americanos... Hathaway, Ford, Hawks, Gordon Douglas. São geniais!

A nouvelle psicanalisa cada sóco do John Wayne, vê em seu olhar abostado tremendas conotações freudianas. Uma briga no saloon não é só um expediente divertido como nós, os não iniciados, acreditamos. Não. É a ruptura do homem com o cenário que o sufoca. A destruição desse cenário é a libertação do herói, bia, bia, bia... Por aí segue a turma, desgarrando mais e mais num filosofês altamente neologizante. É claro que nós, os burros, não entendemos de cinema. Não entendemos como se revela o problema dialético do mocinho num travelling pôsto (ele adoram o verbo pôr) sobre a cavalgada de Jerônimo e seus índios sanguinários. Somos uns rematados idiotas. Queremos sempre uma oração direta onde cabe uma de Rui Cirne Lima. Pedimos simplicidade onde pode ser complicado. Na crítica, há sempre lugar para a hiperbole. E a parafrase é fundamental, pô! Uma aqui, outra alhures, a ordem é enfiar raciocínio, e cabe tudo, que somos todos donos da verdade cinematográfica. O negócio é seguir o conselho do meu pai. Quem quiser se orientar sobre cinema, não leia os críticos. Agora, depois de ver o filme, leia a crítica. Claro que não vai ajudar ninguém em possíveis dúvidas. Mas se você tiver sorte, e pegar o Marco Aurélio Barcellos ou o Luís Carlos Merten em dia inspirado, você é capaz de morrer de rir, meu chapa.

**DUAS OU TRÊS COISAS...**  
**José Onofre**

A função do crítico é integradora, mas a condição para isto é o crítico não ser um integrado. Ao contrário: o crítico é sempre um ego desintegrado vivendo sua missão política, é o olho da aldeia. É claro que os conceitos "integrado" e "não integrado" cheiram mal. Num território de intensa discussão teórica e criativa, qualquer tentativa de simplificar as coisas cria mais confusão do que ajuda. Conferir Humberto Ecco em "Apocalípticos e Integrados". Enfim, um esforço: vamos entender estes conceitos no seu sentido imediato: "integrado" é quem usa os canais comerciais sem discussões e "desintegrado" é quem olha de "rejoio" ao comércio de canais, de meios, embora use e seja usado pelos ditos canais. A discussão, toda, é sobre este tipo desconfiado.

Embora antipatizado, ele é normalmente aceito pela tribo e sua mágica requisitada com alguma frequência. Ocorre também que sua mágica, verdade e eficiência, seja questionada e ele se veja na obrigação de justificar seus mactez em praça pública. Estamos vivendo agora uma destas desagradáveis situações (aliás cabe dizer que se existe um tipo de bruxo permanentemente atacado e em permanente prontidão para defender suas posições e prestígio entre a clientela, este é o crítico de cinema).

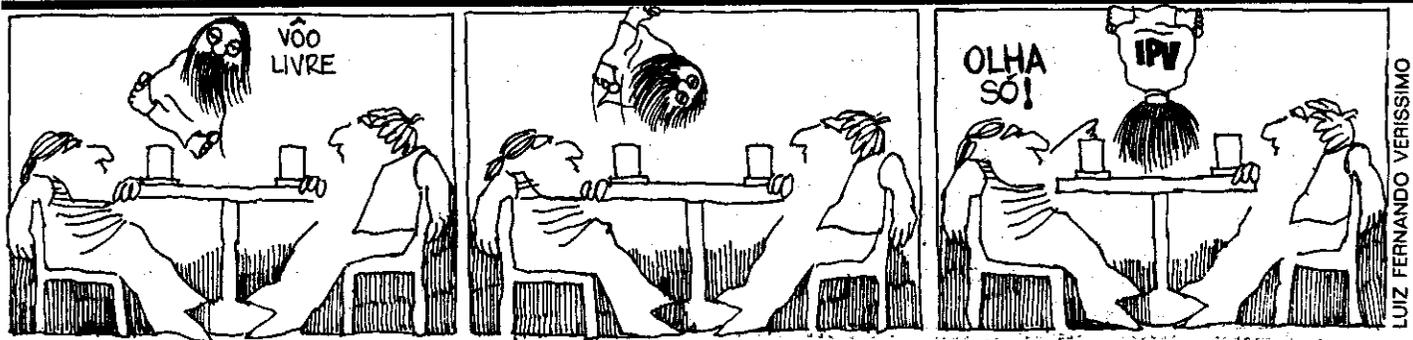
Foi dizia que o crítico em geral, e o de cinema em particular, antes de rejeitar, ausculta. É a tarefa típica do sujeito que discorda, que duvida, que paga para ver. E que retira do cinema o conceito "diversão" ou acrescenta à diversão a insólita categoria da "seriedade", aliás já acrescentada ao humor. Esta seriedade não significa "erudição", simplesmente pretende que o cinema sobreviva a si mesmo, às duas horas específicas de espetáculo. É nisso, um projeto. O crítico, já dizia, é o olho intranquilo da aldeia. Seu trabalho é re-codificar uma experiência comum, mas dispersa. Ele acresce à sua experiência e a do espectador (que, numa primeira

etapa é pura curiosidade e digestão) um dado novo e indigesto: o cinema e o filme são instâncias de uma experiência em aberto e a informação dispersa deve ser readaptada a sua função maior, que é política, social, psicológica, ética. O crítico avisa ao espectador que na tranquilidade uterina da sala escura aconteceu um sutil diálogo entre a subjetividade anárquica (débil, espectador) e a ordem poética e valorizadora do espetáculo. Ele reconduz a experiência individual do mundo bem mais vivo e esperto do problemático cotidiano da comunidade.

Éis o projeto em seu momento técnico: retirar do cinema a sua aparência totalitária e dar ao espectador (através do discurso crítico, normalmente totalitário) a contradição necessária para que a consciência se imponha ao estômago. O espectador defronta-se com o discurso fragmentário e reimagina o rio, o filme, perguntando-se: será? É aí (quando o problema é devolvido a ele e à sua visão da própria experiência) que a vivência do cinema se torna inteira, abarcadoura, rica. Ninguém explica um filme: apenas desafia o espectador a pensá-lo e a transmutar uma experiência física, o ver, numa experiência humana: o participar, o julgar, o definir-se.

Repto: o cinema é como Homero era para os gregos, na praça: de seu universo mítico ele fala sobre a "tua" liberdade e pode estar auxiliando ou atrapalhando a "tua" escóchia. E o crítico vai do hexâmetro ao recitativo, da técnica à mise-en-scène, com o único objetivo de distinguir o núcleo da aventura humana. Não lhe cabe discutir a cegueira de Homero. Ele deve, realizada a liturgia de praxe, repetir e repetir que Aquiles, Heitor, Nestor, Charles Kane, Michel Poiccard e Patricia não vivem apenas no universo mítico. Habitam também a terra e decidem seu dia-a-dia em estruturas políticas e existenciais específicas. O crítico é um olho, já disse. Um olho que brigue com o cacique e que ainda por cima discorda da distribuição de tendas. Um "out-sider" com cartão ponto.

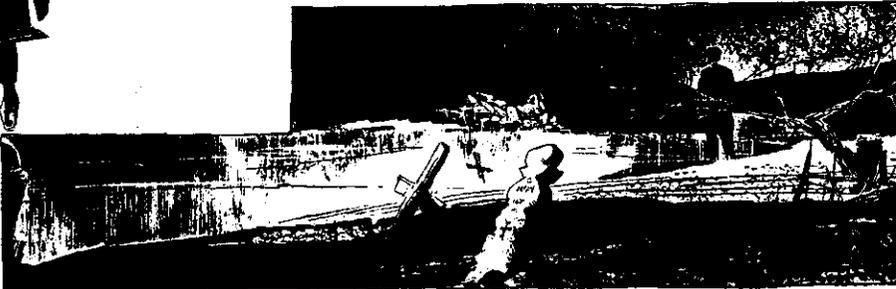
sete



LUIZ FERNANDO VERISSIMO

A POESIA DO TERROR  
Marcos Faerman

# Lovecraft



**U** Um dia, Howard Phillips Lovecraft propôs a sua mulher, Sônia Green, que continuassem o casamento apenas por cartas. Arrumou suas coisas, se fechou num quarto, e nunca mais a viu. Detestava o sol, o frio e o mar, mas suas histórias estão repletas de mares sombrios. Mares sombrios, monstros alados e grutas de sonhos — até parece que ele viveu nos milênios selvagens em que a terra se transformou de uma bola de fogo num cenário de pântanos e mares pestilentos. As frases de Lovecraft são rios subterrâneos e longos, pontilhados de uma linguagem secreta: Arham, Kled Yadhith, Yog-Soggoth, Azouth, Nyarlathotshp. No intervalo das duas grandes guerras, centenas de milhares de pessoas esmagadas pelas crises sociais, leram suas histórias em revistas

baratas repletas de subliteratura. Os críticos não tinham tempo para estas revistas. Só foram perceber que ele estava no nível de Edgard Allan Poe, muito depois. Na Europa, foi descoberto na década de cinquenta. Nos confins do mundo — como no Brasil — chegou na década de sessenta, numa pequena edição da GRD, que logo se esgotou. Foi valorizado apenas por Fausto Cunha, Maurício Rittner e Geraldo Galvão Ferraz. Seu último livro, lançado na França em 1968, chama-se *Dagon*. É um breviário de sonhos e fantasias, onde viola tabus e transgride o proibido — túmulos, sepulturas, odores pestilentos. «Desculpem-me — escreveu uma vez Lovecraft para os editores de uma revista — mas a pobreza, o desgós-

to e o exílio fizeram tudo isso cair de minha cabeça». Por tudo isso foi comparado a El Hallaj, místico árabe executado em 921 para não revelar «segredos terríveis que a humanidade não estava em condições de receber», e sob a acusação de conspirar com os demônios do mal. Lovecraft não era El Hallaj. Para Lovecraft, até mesmo o sobrenatural e os mitos de um tempo perdido podem ser descobertos pelos homens — embora possa ser perigoso. Sabe-se hoje que era um erudito em conhecimentos estranhos como a cultura Asteca, a civilização creta, cosmogonia, línguas africanas. Conhecia também Freud e Jung. Um dos seus heróis, Randolph Carter, após combater ao lado de um exército de vampiros,

consegue chegar aos Grandes Anciãos, seculares sentinelas cósmicas, e ouvir que a chave da cidade dos sonhos estava dentro dele. Carter, e perto dele, em Rhode Island — onde Lovecraft viveu. Mais reveladora ainda é uma das frases de *Dagon*: «Infeliz é aquele a quem as recordações da infância não trazem senão horror e melancolia». Durante sua pobre vida, Lovecraft viveu longe do sol, do mar e do frio, escrevendo centenas de cartas (que assinava com o nome de Abdul Alhazred — «Seu pelo signo de Gnar»), de contos e novelas. Um maravilhoso escritor que ganhou menos do que um lavador de pratos e morreu de câncer aos 47 anos. (O belo é apenas um degrau para o terrível. Rilke.)



# dagon

Tradução de GERALDO GALVÃO FERRAZ



**E** Esta noite estarei morto. Escrevo sob tensão. Não há nem uma gota da droga que me sustentava. Não posso mais. Escaparei pelo sótão, irei esmagar-me na vela. Sim, sou escravo da morfina, mas não um fraco ou degenerado. Logo compreenderão porque preciso do esquecimento ou da morte.

O navio em que eu era comissário de bordo foi vítima de um corsário alemão num dos lugares menos conhecidos do vasto Pacífico. A guerra de 14 apenas começava e a marinha alemã ainda respeitava as leis do combate. Nosso barco foi capturado segundo as regras e a tripulação tratada corretamente. Cinco dias depois, pude fugir a bordo de uma chalupa minúscula, com água e víveres. Livre e à deriva, só tinha uma ideia vaga da minha posição. Nunca fui um bom navegador. O sol e as estrelas só me disseram que se tratava de um lugar ao sul do Equador, sem ilha ou linha de costa à vista. O tempo era bom, durante os dias sem número de meu vago sob um sol ardente e cinzento.

Foi a imobilidade que me despertou. A chalupa encontrava-se num deserto de lama negra que se estendia até o infinito, em ondulações vistosas, como se o fundo do mar tivesse vindo à superfície do oceano, imenso, fixo, sombrio. Do ar e do solo desprendia-se um terrível cheiro de podridão. Por toda parte jaziam carcaças podres de peixe. Nesse silêncio mortal, nessa imensidão estéril, ali estava eu, tomado pelo terror e pela náusea. O sol mandava uma luz fria através de um céu quase negro, cruel, sem nuvens, refletindo o inconcebível

pântano de tinta. Como explicar tudo isso? Devido a algum fenômeno vulcânico sem precedentes, uma porção do fundo da subira, sem dúvida, expondo regiões ocultas nos abismos há milhões de anos. E essa terra nova era tão grande que não adiantava esforçar-me por ouvir alguma coisa: não havia um som, não se ouvia vibrar o oceano nas fronteiras desse mundo resuscitado. Nenhum passageiro marinho para devorar essas coisas mortas. Fiquei no meu barquinho encaixado, entre o terror e a sonolência. Com o passar do dia, o solo se tornou menos esponjoso e colante, e percebi-me que logo eu poderia andar. Na manhã seguinte, fiz um pacote de alimentos e água, preparando-me para uma viagem a pé, em busca do mar perdido ou de algum socorro. No terceiro dia, o solo estava bem seco. O cheiro de podridão tornou-se enloquecedor.

Dirigi-me para oeste, guiado por uma colina que se elevava acima do deserto. A noite, acampe e, no dia seguinte, contiguei a andar rumo a essa elevação sombria, sem poder cantar, assobiar nem falar alto. No quarto dia, atingi a base da colina, mais alta do que eu julgara. Segundo me pareceu, um vale separava-a da superfície e a colocava em relevo. Demasiado cansado para ir ver mais de perto, adormeci. Meus sonhos foram selvagens e absurdos.

Disse que a monotonia dessa planície ondulada era para mim uma fonte de um vago horror. O horror tornou-se mais preciso quando, do alto do monte, achei-me à beira de um abismo, ou pelo menos de um vale tão profundo que a luz não o iluminava totalmente. Quais eram essas profundidades, qual era esse caos? Chagas obscuras, noite eter-

na, origens... Sob meu medo passavam lembranças, sombras de lembranças. Ideias de Paraíso perdido e imagens da ascensão de Satã, sem fim, do fundo das trevas de artes da vida...

A medida que a Lua subia no céu, descobri que as encostas do vale não eram abruptas. A descida parecia fácil. Meti-me pelas profundezas em que a luz penetrava aos poucos. Minha atenção foi logo atraída por um objeto branco que brilhava na encosta contrária. Era um bloco de pedra. Não era uma obra da natureza. Tinha dimensões enormes. Achava-se num abismo que ficara aberto sob o oceano desde a gênese do mundo. E, entretanto, era um monólito que fora trabalhado por seres vivos. Aturdido de pavor, mas levado pelo demônio de saber, que sempre me habitou, ainda olhava. A luz iluminava essa pedra cercada por um poço de água lamacenta. Havia ali sinais e balcos relevos. Hieróglifos desconhecidos: símbolos aquáticos, peixes, polvos, crustáceos, moluscos. Mas esses baixos-relevos é que me assustaram. Eu os vejo agora, claramente, acima da poça de água. Gustavo Doré teria invejado os desenhos. Eram homens. Brincavam como os peixes, em grutas marinhas, ou se concentravam à volta de um altar de pedras e algas. Mas não ousei descrevê-los. E para quê? Mãos moles, pés espalmados, lábios enormes, olhos inchados e outros traços. Eles estavam fora de proporção, pois se via um deles pegar uma baleia no braço. Decidi que eram os deuses imaginários de alguma tribo de pescadores, tragada antes do nascimento dos ancestrais do homem de Neanderthal. Atingido por uma temor espantoso ante essas visões de um passado mais distante que todo o pas-

sado, fiquei na vertigem dos tempos, afastado de mim mesmo.

De repente, eu o vi. Houve uma agitação na grande poça de água turva, e a coisa apareceu. Grande como Polifemo, ela se lançou sobre o monólito, abraçou-o com seus braços cobertos de escamas e inclinou para a pedra sua cabeça horrível, balbucando palavras que não repetirei. Neste momento, enlouqueci.

Não sei como voltei à chalupa. Tenho a lembrança confusa de uma tempestade. Saí da sombra num hospital de São Francisco onde me levaram, ao que parece, o capitão de um navio americano que me recolheu. Ninguém se importou com meu delírio e ninguém ouviu falar de um terreno no Pacífico. Nunca insisti. Um dia, diverti-me fazendo perguntas a um etnólogo célebre, sobre *Dagon*, o Deus-Peixe, mas esse especialista foi desesperadamente convencional e não falei mais.

A noite, sob a Lua agora temível para mim, revejo a coisa. A morfina é boa, mas só dá um alívio de momento. Se sonho com o alto-mar, revejo os grandes seres, adoradores e terríveis, que flutuam nos abismos, que beijam seus ídolos de pedra e gravam suas imagens em obeliscos submersos. Um dia, eles virão para a superfície, um dia os continentes vão afundar e os abismos aparecerão, negros e viscosos, imensos e silenciosos, semeados de carcaça e discretamente povoados por monstros religiosos...

Escutem! Raspem minha porta! Empurram. O cheiro do mar morto se infiltra pela casa. Ele não me achará! Meus Deus, a mão! A janela! A janela!

714

# TATATA PIMENTA



## CARLTON HOTEL CANNES

TELEPHONE 28-21-00  
TELEX CARLTON CANNES 46988

### MINHA AMIGA A BEGUN AGA KAHN

Naturalmente não foi no Encouraçado Butikin, antro das deslumbradas que se realizou «La VII NUIT D'AOUT». Estava na casa de meu amigo Gerard Vée quando recebi o convite da Sua Alteza a Begun Aga Kahn para o Palm Beach de Cannes. Ao contrário da Provincialia portolegrense, a Begun, née Yvette Labrousse, ex-Miss França junto com Yolanda Pereira, não esconde sua origem. Por que se ela foi Yvette hoje é Begun. A festa era beneficente, «au profit du Comité National d'aide aux Palois et handcapés.» o show nem de perto seria Claudete e Pedrinho Mattar, e os Old Eglits ficaram todos no Brasil, mais precisamente na Avenida Independência. O que se viu e se ouviu foi Dionne Warwick, e Benny Bennet e o Rodney Jazz Ballet.

As Veuves Clicquot-Ponsardin 62, as Pommery e outras de igual jaez eram servidas nas mesas forradas de damasco vermelho com orquídeas vindas diretamente do Brasil. O ponto culminante foi a chegada da Sua Alteza a Begun, no seu Rolls-Royce preto, vindo de sua Villa Yakimour (Route de la Corniche em Nice). Não vestia nem Mery Steigleder nem Nazareth. Usava um Sari rosa bordado a prata. Pois após o casamento com o Aga Kan, só veste saris, e possui uma coleção de dois mil, todos importados da Índia. A noite primaveril da Côte d'azur permitia que levasse o

bi jo de zibelino branca na mão e mostrasse para todas as deslumbradas (pois na França existem tantos quanto em Porto Alegre) o seu famoso colar de turquezas orientais e diamantes, o seu anel de 62 carats e sua trousse de ouro e brilhante signée Cartier.

Na grande mesa central estavam, ela, a Begun, M. Vée, Eu, a Marahani de Boroda e sua filha o Príncipe, Maria Pia de Sabóia, a Condessa de Segóvia, M. Jean Raymond, Ministro do Principado de Mônaco, o Marquês e a Marquesa de Corvera, a Princesa Natacha de Wolff (que se dá o luxo de morar no Ritz Place Vendôme, ao lado de Chanel, numa Suite de 300 dólares diários). Natacha, para os mais chegados, já está por volta dos setenta, mas depois de cada verão na ilha da Madeira volta mais jovem que nunca. Usava ela, esta noite um colar que fez questão de mostrar-me, sabendo que eu era brasileiro. Simplesmente era uma água-marinha brasileira, tamanho de um ovo, rodeada de brilhantes, presa em um colar de pérola de três pontos. Também em jóias Madame Schneider, dava bailes nas coitadinhas, o cornucópia de rubis polidos em gotas, deixa as Therezinhos francesas mortas de inveja.

E eu dando uma de grossura portolegrense, perguntei a Begun durante o jantar:

— É verdade que Sua Alteza possui milhões em jóias?

A resposta foi perfeita:

— Ninguém possui milhões em jóias!

Mas a dúvida que me ficou, se os milhões em jóias a que se referia a Begun eram milhões em cruzeiros ou dólares.

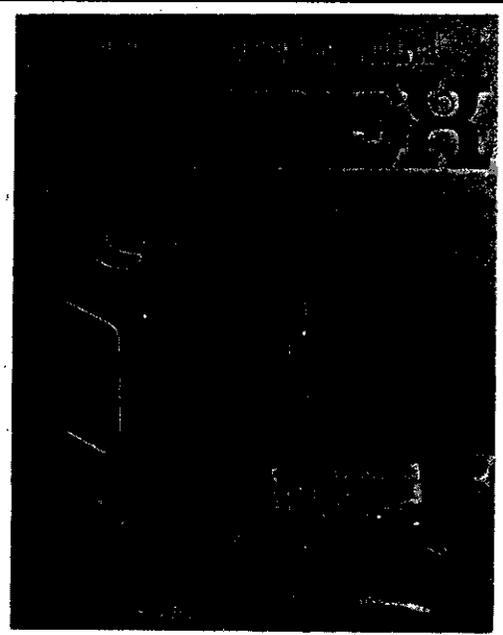
Voltei a encontrar a Begun no estrêa de gala de Malatesta de Henri de Montherland, mas desta vez em Paris mesmo, onde passo férias. Quem me acompanhou à Comédie Française foi Maria Helena Martins, já habitué ao tout-Paris — Naquele inverno miserável a catelafção da Comédie permitia um verão carioca na platéia. Sentaram comigo Marina Vlady, Emmanuella Rivas e M. Maurice Escando, diretor da Comédie.

Acabou a noite num souper no Maxim's, que é mais ou menos o Caçarola de Porto Alegre. Serviu-se Mousse Reinete ao Dindon d'Auvergne, Sole ou Madeira, Crêpes aux Marche Flambeaux e le Digestif Grande Marnier.

A saudades do Grand-Monde Gaúcho já me faziam sentir Nostalgia, das elegantes do sul, das jóias Scarpini, do picadinho de filé, da consumação a pagar, dos penteados fernandinho, das modas Cecilia Louro e dos corangos envenenadinhos da Praça Júlia.

Já estava farto das toneladas de diamantes Cartier, dos penteados Alexandre dos Bentley e dos Jaguar, dos tailleurs Chanel de 2000 dólares.

E principalmente das Villas de Cannes e de Nice que não valent no apartamentos de Torres.



- CASTANHA DE CAJÚ
- BATATINHAS FRITAS
- AMENDOIM JAPONÊS
- OVINHOS DE AMENDOIM
- AMENDOIM TORRADINHO (ÔBA!)



## EM TODOS SUPERMERCADOS E MERCEARIAS

DISTRIBUIDO POR:  
**LOPES & LOPES Ltda.** / AV. SÃO PAULO, 361  
FONE: 22.77.60

**GRE-NAL**  
Rodrix (Imaginária)  
**Chico** (NIPESAR)

**SEMANA QUE VEM!**

## GUERRA DOS PELADOS

COLORIDO

Um filme dirigido e produzido por Walter A. Dreyfuss e dirigido por Walter A. Dreyfuss

18 anos

**SÃO JOÃO**  
4-10 hs.

**QUERENI**  
4-10 hs.

**MARACÓS**  
4-10 hs.

**VDGLUE**  
3-8-10 hs.

**MINI**  
3-8-10 hs.

**COLOMBO**  
3-8-10 hs.

**SILVIO BACK**

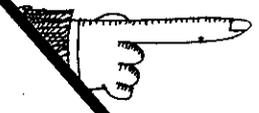
Atila Iório - João Soares - Alino Garcia - Dorivaldo Assis Bouvier - Emanuel Cascaes - Maurício Tevora - Odílio Augusto - Mônica Buitoni - Jorge Karam - Ieda Schneider - Edison Azeite - Zule Volokita

NOTE

O Serviço da  
Provincia



**BEBER  
COMER**



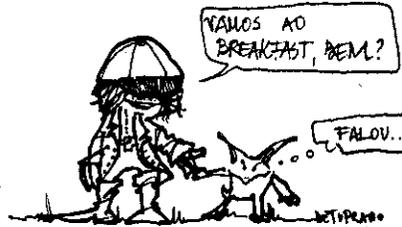
**CHURRASCARIA  
LA CABAÑA**

AQUELE "CHURRA"  
MUITO BÍDÚ

CORONEL BORDINI 155

**HARRY SABUGOSA**

COMIDAS E COMIDAS



Não sei se vocês co- festa, dos convidados, das nhecem, mas o Thomas outras comidas, etc. Mário é o titular de comi- Certa feita ele falou sô- das da «Playboy». Não bre um breakfast inglês estou me referindo ao fo- que antecede a caça à ra- tógrafo da revista. É de pôsa, que era um negócio. comida mesmo que estou Laranjadas monstro, roast- falando, com garfo e faca beef, ovos mexidos, ge- e colher. Não daquelas madas, Yorkshire pudding, comidas que se come com champignons, atum e mais as mãos. A propósito, co- uns quatro ou cinco trom- mer com as mãos só gali- ços. Eu fiquei tão ligado nhas, não é mesmo? A que cheguei a falar com rainha Vitória que o diga. amigos para tentar fazer Para os que não sabem este programa em Grama- dessa história da rainha e do. Uma matina dessas, o comer com as mãos, com um pouco de cerra- qualquer quarta-feira. que ção de preferência, a gen- der eu conto. te se levanta cedinho, seis e trinta ou sete horas,

Bem. Eu ia dizendo que veste os trajes de caça — o Thomas Mário é o edi- botas, casaco vermelho, o tor de comidas do «Play- bonézinho — e desce pa- boy». Food & Drink Edi- ra a mesa, onde está pos- tor, para os que preferem ta aquela glória. Come- o original. Ele costuma a- se, bebe-se até as oito. apresentar receitas, dá su- Depois é só tratar de des- gestões sobre pratos, ti- calçar as botas e ir à ba- pos de festinhas que se la pra cama outra vez. A pode organizar, coisas rapôsa? Ora, deixe a coi- dessa ordem. Tudo, em tadinha em paz, leitor. On- geral, ilustrado com ao- de já se viu caçar rapôsa berbas fotos dos pratos e em Gramado? A dona bebidas sugeridos, da em Palmira te agarra.

Harry Sabugosa

a curtidão é no

**BOND'EU**

PROTÁSIO 28  
89



• WAT 69  
• BEUJOLAI  
• FRANGO DEFUMADO  
SADIA E OUTRAS ESPECIALIDADES.

ARGUS  
24 OUTUBRO, 13 - FONE 22.1316

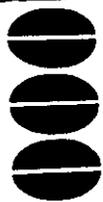
**NEW  
MANSÃO**  
**CANOAS**

ALMOÇO  JANTAR

**Ratskeller**

O MELHOR CHURRASCO  
DO SUL DO MUNDO

ONDE VOCÊ ESTACIONA FÁCIL / CRISTOVÃO COLOMBO, 1564



café pacheco

O CAFÉ

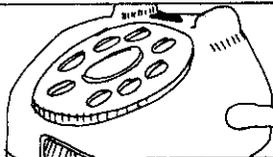
INCREMENTADO

JOÃO PESSOA,  
1269

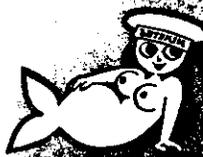


SOM  
IMPORTADO

BARTHO



PARA ANUNCIAR NESTA PÁGINA TELEFONA PARA 23-78-50



encouraçado  
butikin

AV. INDEPENDÊNCIA, 936

**BonnChopp**

CERVEJARIA



av. Independência, 823 fone 24 50 69



Av. Independência, 908

Fal. 24-0793

# SERVIÇO

## Geral da Província



### ROTEIRO MÍNIMO DE COMIDAS

**1,00** Cachorro-quente "envenenado" pode comer tranqüilo no KIKAO/frente ao hospital de Clínicas; no ROCAO/frente ao cinema Coral na 24 de Outubro; e o tradicional ZE DO PASSA-ORTE/Oswaldo Aranha na desembocadura da Fernandes Viçosa. E outros mais nesta "cidade de cachorros-quentes".

Com essa grana meu, passa lá só depois de sair da namorada; com ela a despesa sobe pra 3,00/ dois cachorros e 2 refrigerantes. Vamos arranjar mais dinheiro, bicho!

**2,10** Cachorro-quente de pedigrê mais suco de frutas, tudo ao melhor estilo Bob's/Rio é no JOE'S/na Ramiro Barcellos peritinho do Bom Conselho. Embora o serviço nem sempre seja bom, é ainda e de longe o menos provinciano de PA. Nas noites e tardes frias, peça o consome de galinha. É quente.

**4,00** LANCHONETE CORUJÁ/Protásio Alves. 762 atende dia-e-noite e é um lugar onde você come sentado, no balcão. Bauru com dois bifês a 3,50, refrigerante a 0,50. Pode também pedir o Pastorzinho (1,30) ou o Pastorzão (2,40) um cachorro com queijo derretido. E enquanto mastiga aprecie a maior coleção de decalco da América do Sul, quicê do mundo!

**6,00**

Nestes ciffões: lombinho à milanesa, salsichão grelhado do bacon e queijo gratin, salada de batata, banana à milanesa, pão e azeite d. oliva é o ROBERTAO do ALASKA/Oswaldo Aranha, 232, em frente à Arquitetura. Chopp a 0,90. Um bom lugar para quebrar seus galhos, contornar as broncas com a namoradinha e ver gente de nível universitário. — Duros, porém, chistos de boas idéias.

Na mesma ideologia: procure o RENANIA/Gaspar Martins quase esquina Cristóvão Colombo. Menu germânico, frequência a 1120 por hora.

**10,00**

Ainda para uma pessoa só: coma o melhor filé da cidade, passado na manteiga, com salada de batata e um bom arroz branco, tudo dentro da tradição alemã de limpeza, eficiência e volkswagen. No LIDER/Independência Barros Cassal. Mas para pegar o tal filé há de chegar cedo, se não tem que se contentar com lombinho de porco, filé de peixe e uma mostarda para debrubar Joe Frazier. Com cancha comem dois, sem beber nada.

Mas com 15,00 comem duas pessoas com chopinho e tudo. Ambiente simples e correto. Sem frescura, e a despesa é na ponta do lápis. Sempre certinha.

**15,00** Pela madrugada! TIA DULCE/alf em frente à Vila Velha, Independência, 831. Carreteiro da casa mais riss grelhados e arroz branco, refrigerante e água mineral, já que são mais de 4 da matina, comem dois, com couvert e tudo, por 16,00. Se tiver a perigo peça a especialidade da casa: sopa de cebola a 3,50 acompanhada por pão torrado, queijo ralado e o som da Itai. Chopp a Um Cruzeiro. Ambiente: fauna e flora da província, se tiver sorte. Sabe como é, fim de noite. Agente firme!

**20,00** RESTAURANTE PAGO-DA/na Protásio Alves, 330, o restaurante Chinês! Cardápio mínimo para semiduros: frango xadrez com pimentão e amendoim/bife ao molho de ostras/pão ou arroz branco; dá pra dois e ainda sobra para pedir um vinho branco Granja União. Assim sua conta não ultrapassa nunca os 20 cênt. Vá no velho antes que aumentem os preços no novo.



mais de 20\$

LOS TRONCOS/ Benjamin Constant, 1685, sob a direção de Maitre OCTAVIO e do Mestre RUBENS. Restaurante e churrascaria com ar condicionado. Além do cardápio normal aceite sempre estas sugestões: 3.a feira/Chicken Pot pie (9,80); 4.a/Mocotó (4,50); 5.a/Talharim da Casa com frango ou com filé (8,50); 6.a/Galinha ao molho perdo (8,50); sábado ao meio-dia/Feijoada jóia (8,50) e sábados à noite/Vatapá (8,50). Vinhos finos... cristais. Cervejinha Calberg e etc. Um aviso: é sensacional o couvert, só não avance muito porque pode não sobrar nada.



mais de 50\$

Tire uma de gente fina e vá pedindo a Marreca à moda da casa. Bem, a casa é o FLORESTA NEGRA, e o preço tá pelos 9,50 cruzeiros. Os Figadões de Ave é uma pedida sutil, mas de muito bom gosto. Ali tu vai encontrar também a linha crustáceos 71. Vinhos: um Matheus Rosée puta pelos 30 mangos; o Santa Ursula (9,00), o Ricslig Granja União (9,00). Pannos limpinhos, gente fina para ser olhada. Sábados e domingos tem filã, bichos. Ali no Shopping Center da 24 de Outubro.



Daqui pra frente este é o SERVIÇO DA PROVINCIA. Tenho a idéia de serviço, como o de uma central de informações tribal.

O PATO MACHO QUER QUE TODOS SAIBAM TUDO

- uma comunidade
- aldeia global
- província total?

Queremos que vocês possam gritar aos 4 ventos que estão por dentro, ou, que não sabem das coisas por livre e espontânea... o que? Meu Deus! Pois é: o Vanderlei está aqui com suas informações preciosas e necessárias sobre discos; traz de colher o Bier Boy, tôdas as lojas de discos e tôdos os divulgadores das gravadoras do Brasil; o Onofre dá o serviço do cinema, com a ajuda de

todos nossos críticos e Informantes; o roteiro de comidas e passeios é editado por todos nós (para melhor informar), e terá mais: livros, lançamentos, shows, etc.

A música é o fenômeno que se desenvolve mais rápido dentro desta nova revolução. A eletrônica resolveu muitos problemas e nos alcançou novos dados para consumo e bem estar: dos transistores aos cassetes dos radinhos de pilha às novas TVs cassete, que seria de nossas vidas sem eles?

Woodstock mostrou um novo show-business. A extinção dos Beatles, do Led Zepellin, do Cream e a morte de Hendrix e Janis Japlin, mostraram como é di-

namico este mundo de consumo musical. Já estamos ouvindo novos sons — Pink Floyd, Jethro Tull, Hayes, Mayall, Free — sem o menor escrúpulo! Prevaricando sobre os cadáveres passados... AHI AHI AHI, mas é isto mesmo, bicho.

O serviço vai localizar, informar, indicar caminhos dentro deste universo de informações, assim como o «Plug» do Correio da Manhã/Rio como o «Divirta-se» do Jornal da Tarde/SP, com a revista Veja, como todos os jornais do mundo, menos alguns que eu conheço nesta cidade. Vamos ligar o nosso serviço de cada semana, como vocês estão ligando para um certo som nosso de cada dia. CLAUDIO FERLAUTO.

## SERVIÇO

### COMIDA & Cia.



O show Rio Grande do Som continua nos fins de semana no Teatro de Câmara / República...

O Butikin ofereceu o sensacional show com Chico e MPB4, no fim de semana passado. Apesar de tudo. Bom!

PARA SABADO OU DOMINGO A NOITE

1/ Com uns 10 cruzeiros passe num desses GALINHEIROS-QUENTE tipo Purich, Argus e postos Shell, compra uma galinha não muito grande. Um vinho no armazém da esquina e se banqueteie com sua galinha enfiada na sua boca ou na dela se ambos pais estiverem possuendo por Belém Velho. Com uma coca família (1,20) e uns docinhos da Veneta/Mariante esquina Protásio Alves, tá feita a festa. Depois, meu, morgar que ninguém é de ferro.

PARA SABADO OU DOMINGO A TARDE

2/ Depois de entortar sua cuca na noite de ontem, acordou às 14 horas e não sabe o que fazer? Pegue um sanduíche em casa mesmo e se mande com sua amiguinha para a Redenção. Com 5 pilas você faz a festa: come pipoca, amendoim, algodão de açúcar, toma mirinda morango e ainda assiste concêrto do Exército de Salvação. Tudo um tremendo barato. E de colher vê gente paco, coisa que a gente nem nota no dia-a-dia.

PARA DOMINGOS E FERIADOS PELA MANHÃ

3/ Passeio pelo Guaíba. De barco. Eles saem dali do cois do porto, pertinho do Cibrozem, aquela boquinha onde se compra aquele gelo maroto, escamado. O BATOU MISS GUAÍBA cobra Cr\$ 2,50 por uma larga volta ao largo da cidade sorriso. Esta viagem deve ser um sarro, num barato. Ligou-te, bicho! Mas vai de manhã que é coisa que vocês não vem há muitos anos. É legal.

ar!

AQUI AS BATES!

BARTHÔ — João Pessoa esquina Olavo Bilac. Tem um pouco de poesia na Avenida, mas vale a pena, nem só de Independência vive o play. O Barthô é de um grande bom-gosto. E tem um Chopp e uma comidinha do arco. Se falta dinheiro para frequentar a Independência, e João Pessoa suprirá tôdas as deficiências. Com a música do Beat, e a supervisão esteto-cultrária do Zanardi, Almeida e Castro.

BATISCAFO — É do Amordm, que já foi do Executivos, promete ele um mergulho em grande profundidade, mas também pudera, ela vai ficar perto da casa do Flávio del Mese, no Cristal. É mais um buraco do Porto, que a gente fez uma força imensa para que seja Alegre.

BUTIKIN — Per século e seculo-rum. A casa do Rui Sommer do Grillo e do Gilbertinho e Tony Tornastornado musicalmente, e tá da aquela estapafúrdia fauna do Esbróglis. É lá que a gente vê Bôca Pegoraro e Nereida Daut.

por Tatiana Pimentel.  
(algumas indicações, lógico!)

UISQUE A GOGÔ — Na esquina de Inedêp com Garibaldi. Casa nova pra gente nova. Na porta o Fernando, o do Buteco, aquele que usa raibam até de noite. Uisque sério por preço bacani-nha (Cr\$ 6,00 e 12,00). Múscas do arco. Tá na onda legal.

ESTA PAGINA NÃO ACEITA ANÚNCIOS NEM MATERIA PAGA

Fotografou/Felizardo



**T** «The Hippie Papers» tem formato de bolso e 280 páginas maravilhosas. Seu autor, Jerry Hopkins, da equipe do semanário «Rolling Stone» — editado na Califórnia e especializado em música pop —, resolveu reunir em livro, na forma de antologia, grande parte da literatura hippie divulgada nos próprios jornalecos do movimento durante os anos de 1966 a 1969. Hopkins também é colaborador assíduo dessas publicações «underground» e vários textos seus (um analisando os Beatles e o elepê «Sgt. Peppers») aparecem incluídos no volume, lançado com certa repercussão nos Estados Unidos, em fins de 1969, e logo traduzido para inúmeras outras línguas.

Na apresentação do material, ele teve o cuidado de separar nitidamente todos os assuntos e cada capítulo se mostra, antes de qualquer outra coisa, como uma sucessão de irônicos e demolidores comentários sobre a sociedade americana das duas últimas décadas. Mais de cem ensaios, contos, poemas, declarações, entrevistas, desenhos (a maioria de Ron Cobb, o papa do «cartoon» anárquico), editoriais, avisos, colunas e notas. Os temas são tão diversos quanto o estilo e as posições contestatórias dos que os assinam, abarcando **POLÍTICA** (A guerra é um bom negócio: aplique seu fôlego — Liga-te, sintoniza-te, assume o poder! — Resposta a um escritor de Michigan que propôs um plano para eliminar futuros Vietnams, quebrando a espinha de todas as crianças vietnamitas e matando todos os fetos vietnamitas); **EDUCAÇÃO** (Um professor da Califórnia diz que, em se tratando de direitos civis, o estudante universitário é um «negro»);

**SEXO** (A liberdade sexual com slogan: SE EU GOSTAR, REFETREI);

**CENSURA** (Choudhry, um poeta hindu,

defende a obscenidade); **POLÍCIA** (Advertência: a Polícia da Califórnia está armada e é perigosa...); **OS GRUPOS MÍNORITÁRIOS** (Seu um ser humano: favor não dobrar, espiolar nem molhar!...); **AS ARTES** (Devemos criar ambiente...); **A GUERRA** (Carta de um desertor ao Presidente Johnson); **A RELIGIÃO** (Liga-te, sintoniza-te, abre-te!); **ENTREVISTAS COM PERSONALIDADES** (Diga as coisas como elas são — Diálogo entre Timothy Leary, Allen Ginsberg e Alan Watts — Depoimento de Phil Spector, ex-produtor dos Beatles), etc.

Jerry Hopkins insinua com critério que estes periódicos anti-institucionais, avant-garde «não são meras vozes dissidentes no deserto. Inicialmente, podem ter sido ignorados, olhados como «curiosidades impressas», porém, hoje, ainda que raiosamente, o mesmo Establishment paga tributo às suas mensagens». E os meios de informação mais convencionais, a imprensa diária e a televisão em particular, buscam notícias nesses jornais «subterrâneos» porque não podem dar-se ao luxo de não fazê-lo. E embora a circulação de tais títulos (entre eles, The Berkeley Barb, The East Village Other, The San Francisco Oracle, The Oracle of Southern California, Open City, Peace News, The Paper, The Fifth State, The Participator, The Worrier, Digger News, Hippocrates, etc.) seja de menos de meio milhão de exemplares, seu impacto na opinião pública americana tem sido bastante maior que o de muitos de seus competidores sículos com milhões de exemplares, como o The New York Times, por exemplo.

Hopkins afirma igualmente que «algumas peças desta antologia podem parecer chocantes, porém, ao lê-las, recordam que os que as escreveram para a imprensa «subterrânea» também se escandalizam com o caráter de nossa sociedade e com o comportamento de seus semelhantes...»

Dados esses informes, vamos a um dos muitos textos que balancam as 280 páginas de «The Hippie Papers», livro que John Wayne não recomenda às pessoas de «boa formação»...

**VANDERLEI CUNHA**



Foto/Rolling Stones

**O ALMANAQUE DO POBRE PARANÓICO**  
— Allan Katzman



Há milhares de jovens (artistas, hippies, beatniks, pacifistas, lutadores dos direitos civis, etc., conhecidos pelo rótulo de «subterrâneos»), que de

uma ou de outra forma afastaram-se a tal ponto do Sistema que, praticamente, estão em seus limites e que se beneficiariam separando-se de uma vez por todas da União. Admite-se que este movimento teria que ser estruturado mediante a formação de uma confederação de pessoas e não de Estados.

Dado que seriam apenas alguns milhares, não haveria necessidade de uma estrutura estatal corporativa. A Confederação seria tribal e todos a conheceriam pelo nome de Estados Subterrâneos da América. Esta proposição pode parecer ridícula em princípio, porém, serviria, a exemplo da proposição da cidade de Nova Iorque, para ilustrar a pobreza do clima moral, político e econômico da América do Norte.

Os Estados Subterrâneos adotariam, naturalmente, a Constituição e a Declaração da Independência como critérios para «Existir», alterando-as ligeiramente (em lugar de «Nós o povo»... «Nós o povo «subterrâneo»). Tais documentos seriam muito mais surpreendentes do que as pessoas imaginam, já que durante cento e noventa anos não foram verdadeiramente aplicados. Neste país, ao menos.

**A** Após, deveria ser considerada a formação estrutural desta nova «União». O aspecto Judicial, Executivo e Legislativo é o mais problemático. Quanto ao

«Quarto Poder», a Imprensa, já há indícios de movimentação: periódicos subterrâneos tais como, apenas que os três primeiros «The Los Angeles Free Press», «The Berkeley Barb», «The Paper», em East Lansing, «The Fifth State», em Detroit, e «The East Village Other», existem, embora estejam em outro país. No entanto, temos que considerar os «outros» poderes, ainda inexistentes.

O Judicial deveria seguir os preceitos dos Dez Mandamentos poderiam condensar-se em um: «Não serás Deus». Isso evitaria essas ridículas profecias que assolaram a civilização ocidental durante séculos passados, existisse Deus ou não. Deveriam, por outro lado, ser acrescentados mandamentos tais como «Nada dirás que não seja belo e útil».

Ao serem considerados os castigos àqueles que infringem a lei, a decisão deverá apoiar-se no perdão. Porém, estipulando que, uma vez que violaram a lei, devem ser desterrados da «União». Um ótimo castigo aos transgressores seria a sua deportação para os Estados Unidos da América. Ali, aprenderão a lei da selva e do asfalto em sua mais plena realidade, e se darão conta de que o homem não pode existir sem amor e sem os demais seres humanos. Se após aprenderem sua lição desejarem reingressar nos Estados Subterrâneos, poderão fazê-lo, mas somente com o consentimento da maioria de seus concidadãos.

Os poderes Executivo e Legislativo do governo, devido ao modo em que se estruturam e poder judicial e a Lei do País, se ocupariam em fazer e admi-

# free Press

os, deveria considerada formação es-  
 vva «União»,  
 aspecto Judi-  
 Executivo e  
 islativo é o  
 s problemá-  
 Quanto ao  
 Imprensa, já  
 ovimentação:  
 neos tais cot-  
 três primei-  
 ngeles Free  
 keley Barb»,  
 ast Lansing»,  
 em Detroit, e  
 Othen» exis-  
 am em outro  
 temos que  
 ros» podêres.

ria seguir os  
 Mandamen-  
 lensar-se em  
 eus». Isso e-  
 ulos profetas  
 civilização o-  
 éculos passa-  
 ou não. De-  
 lado, ser a-  
 lamentos tais  
 que não se-

siderados os  
 ue infringem  
 everá apoiar-  
 im, estipulan-  
 que violaram  
 esterrados da  
 io castigo aos  
 ia a sua de-  
 Estados Uni-  
 Ali, aprende-  
 e do asfalto  
 na realidade,  
 de que o ho-  
 xistir sem a-  
 nais séres hu-  
 rendrederem sua  
 singressar nos  
 neos, poderão  
 nente com o  
 maioria de

scutivo e Le-  
 no, devido ao  
 estruturam o  
 Lei do País,  
 fazer e admi-

nstrar leis, não para o povo,  
 mas para as coisas. Seu inte-  
 resse primário residiria em pro-  
 porcionar suficiente comida, a-  
 lojamento e roupas para todos.  
 Nada mais. Seria uma anarco-  
 tecnocracia, na qual os exe-  
 cutores e legisladores seriam  
 tecnocratas.

Parece evidente o fato de que  
 este tipo de sistema criaria  
 problemas como: já que o ho-  
 mem não precisa trabalhar pa-  
 ra viver em virtude de receber  
 gratuitamente roupa, comida e  
 casa, o que pode ele fazer com  
 seu tempo? A resposta é que  
 esta é uma confederação cria-  
 tiva. O homem poderia voltar  
 ao trabalho agrícola ou à fa-  
 bricação de mesas e cadeiras,  
 ou poderia escrever, pintar, via-  
 jar, etc. Este tipo de confedera-  
 ção débilmente travada criaria  
 problemas às pessoas não-crita-  
 tivas, as quais, reconhecendo  
 sua incapacidade, poderiam  
 quebrar suas leis. Quando isto  
 ocorrer, a Justiça entrará em  
 ação. Esses dissidentes seriam  
 julgados e, se fossem declarados  
 culpados, condenados ao ostraci-  
 smo. (Da mesma forma que  
 um diplomata que viola a lei  
 de um país estrangeiro é obriga-  
 do a abandonar seu posto, a-  
 mavelmente).

O sentido de visitar, viver ou  
 formar parte de tal país consi-  
 ste, como já dissemos na  
 criatividade. A idéia não pare-  
 ce tão incrível quando se sabe  
 que, ainda que em pequena es-  
 cala, este sistema existe atual-  
 mente na América do Norte. É  
 conhecido como «Sinética». É  
 uma agência de Cambridge,  
 Massachusetts, para onde são  
 enviados os jovens executivos  
 de grandes corporações para  
 que estes aprendam a ser cria-  
 tivos.

São colocados em contato  
 com pessoas de natureza criati-

va, de atitudes livres, que se  
 congregam em áreas que os e-  
 xecutivos normalmente não vi-  
 sitam, como Greenwich & East  
 Village, onde se fuma mari-  
 juana e se toma LSD, ouve-se  
 estranhas conversações literá-  
 rias, pinta-se, escreve-se, lê-se,  
 etc. Em outras palavras, ali se  
 faz o que a maioria da popu-  
 lação conhece como «atividade  
 ilícita e subterrânea». O prin-  
 cípio que apóia uma agência  
 como a Sinética é que o atual  
 sistema coletivo torna esses e-  
 xecutivos muito rígidos, inca-  
 pazes de realizarem o que se  
 espera deles. Seu processo cria-  
 dor está bloqueado.

A idéia da Sinética poderia  
 ser posta em prática nos Esta-  
 dos Subterrâneos da América.  
 Uma das maneiras pela qual a  
 nova confederação poderia ga-  
 nhar dinheiro seria tornando-  
 se acessível aos Estados Unidos  
 da América do Norte, transfor-  
 mando-se num país que será  
 visitado por seus valores siné-  
 ticos. Os Estados Subterrâneos  
 cobrariam de todos os visitan-  
 tes o direito de entrarem e vi-  
 verem no seu território. Seria  
 uma poderosa terapia.

Também poderia ser criada  
 uma campanha publicitária vi-  
 sando atrair visitantes (os quais  
 se diferenciariam dos turistas  
 habituais pelo fato de que não  
 iriam apenas observar, mas sim  
 participar de tudo, criando e  
 curando seus males), com slo-  
 gans como «Desça até aqui!»  
 ou «Faça uma viagem pelos  
 subterrâneos...» Qualquer vi-  
 sitante que não levasse a sério  
 sua peregrinação e que impor-  
 tunasse os habitantes locais,  
 seria convidado a sair e seu di-  
 nheiro devolvido.

The East Village Other (New  
 York).

# PÔ BICHO! VÁ CURTIR UM SOM DA PESADA NA i braco



## AKAI

<b>AKAI</b> gravador X-360 profissional com câmara de 20 <b>536,05</b> p/mês	<b>AKAI</b> Tape Deck AKAI 40000 6 pistas, 8000 <b>162,04</b> p/mês
--	--

Entre firme no som mais quente da paróquia. Ponha sua fita  
 exclusiva para rodar num dos nossos gravadores AKAI. Temos  
 toda a linha AKAI e tudo em 24 pagamentos. Você vai ganhar num  
 deles. PROCURE O RUI PARA DEMONSTRAÇÕES

# i braco ANDRADAS, 1255

**MÚSICA INTERNACIONAL/  
LANÇAMENTOS EM LP**

CHICAGO (TRANSIT AUTHORITY), álbum duplo, estéreo (137713/14) CBS  
TOMMY (THE WHO), álbum duplo, mono & estéreo (1184216/7) POLYDOR  
PEARL (JANIS JOPLIN FULL TILT BOOGIE), estéreo (137717) CBS  
RAY CHARLES, MY KIND OF JAZZ, mono & estéreo (9001) TANGERINE  
CREEDENCE CLEARWATER REVIVAL (PENDULUM), mono (FSP 35093) LIBERTY/RCA  
RAVI SHANKAR AT THE WOODSTOCK FESTIVAL, mono & estéreo (35094) LIBERTY/RCA  
SOMZÃO 71 (VÁRIOS), mono (MOFB 15021) ODEON  
CANDIDA (DAWN) mono (MOFB 9005) ODEON

**MÚSICA INTERNACIONAL/  
LANÇAMENTOS EM  
COMPACTO-SIMPLES**

ONE BAD APPLE — THE OSMONDS (2162002) MGM/CBD  
NO MATTER WHAT — BADFLINGER (31) APPLE/ODEON  
HAVE YOU EVER SEEN THE RAIN — CREEDENCE CLEARWATER REVIVAL (55076) LIBERTY/RCA  
BURNING BRIDGES — MIKE CURB CONGREGATION (2162001) PHILIPS

**MÚSICA POPULAR BRASILEIRA/  
LANÇAMENTOS EM ELEPE**

PAULINHO DA VIOLA, mono (MOFB 3670) ODEON  
ELIS REGINA/ELA, mono (8349003) PHILIPS  
SOM PIXINGUINHA, mono (MOFB 3871) ODEON  
OS TRÊS MORAIS, mono (MOFB 1068) ODEON

**EXCLUSIVAS**

Lobo (Me and You and a Dog Named Boo)  
Lynn Anderson (You're My Man)  
Rolling Stones (Brown Sugar — Bitch)  
Edu Lobo (Hey Jude, Casa Forte e mais 9)  
The Beginning of the End (Funky Nassau/parce 1 e II)  
James Brown (I Oried)  
Marvin Gaye (What's Going On)  
Ringo Starr (It Don't Come Easy — Early 1970)  
Aretha Franklin (Bridge Over Troubled Water — You're All I Need to Get By)  
Ritchie Havens (Here Comes the Sun)  
C Company & Terry Nelson (Battle Hymn of Lt. Calley)

McGuinness Flint (Lazy Afternoon) e várias outras. Aparecem com frequência nestes dois horários: de 2ª a sábado — "Ritmo 20", Clóvis D. Costa (22 às 23 hrs).

**SERVIÇO**



**VANDERLEI CUNHA**

**ESPECIAIS**

JOÃO GILBERTO, mono (198055) — O balanço voltou para ficar e seu lp, lançado há 5 meses, ainda não vendeu o que merece. Não estão, entre outras, "Ela é Carlota", "Samba da Pergunta", "Besame Mucho" e "The Trolley Song" (Philips).



GILBERTO GIL, mono (6349006) — O balanço foi para ficar e este seu primeiro elepe gravado em Londres (onde ele canta apenas três palavras em português) abre novas perspectivas para o seu estilo: violão em primeiro plano & percussão fundindo ritmos latinos com rock e blues. Nada de orquestra ou metais. Gil, no estúdio, acompanhado apenas pelo guitarrista inglês Chris Bonnet: "Mamma", "The Three Mushrooms", "Volksvolkswagen Blues", "One O'Clock Last Morning, 20th April 1970", são alguns dos ótimos momentos do disco. Há, também, uma surpreendente interpretação de Gil para "I Can't Find My Way Home", de Steve Winwood. (Famous Music/London-Philips) — Chega ainda neste semana às lojas da cidade. **Estas você pode gravar na Continental (com ou sem consentimento da "du-geu").**



**AS RAZÕES DO BIER-  
BOX PARA NÃO TOCAR O Jerry Adriani**

- 1 USA CALÇA DE TUSSOR CHAMALOTADO.
- 2 É amigo íntimo de Marne Barcellos e Balista Saito Lobato.
- 3 IDOLO DA ASSOCIAÇÃO ATLETICA DOMESTICAS DESEMPREGADAS
- 4 Tem conta corrente no "Atacado do Nestor". (Sua buílique preferida).
- 5 SO OUVI A ITAI, A DONA DA NOITE.
- 6 Adora declamar J. G. de Araújo Jorge.
- 7 É MACACA DE AUDITÓRIO DO SILVIO SANTOS.
- 8 Faz dupla com o Rubens Santos na Casa de Samba.
- 9 AINDA USA BOTINHAS CALHAMBECUE COMPRADAS EM LIQUIDAGÃO NA BOTINHA DA ZONA.
- 10 Está construindo casa de verão na praia do Quintão.
- 11 TROCA GIBIS NAS MATINÉS DO CINE TEATRO GIOCONDA
- 12 Da época atrás Carpas da Redenção.
- 13 É ASTRO DO SHOW DO GORDO EM SÃO PAULO
- 14 Foi sacristão de D. Jaime de Barros Câmara (que Deus o tenha).
- 15 SÓCIO HONORÁRIO DO CAVAR NA E FUNDAÇÃO DO HAREM PRIVATE CLUB.

As loucas do BierBoy



**SOM LIVRE IMPORTAÇÃO/  
NOVIDADES AINDA NÃO  
EDITADAS NO BRASIL**

Pôrto Alegre: STAR DISCOS, Galeria Malcon — loja 4 — Fone 24-22-10 Lps a 35,00. Procure Selma, Cleonice, Ivone ou Paulo Guilherme.

ESTÚDIO ARTES REUNIDAS, Andradás 1620, fone 24-26-98. Lps a 36,00. Falar com Beatriz, Rejane, Regina ou Celso.

Rio: MODERN SOUND, Barata Ribeiro 502-C

SYMPHONIE, Santa Clara 115-B

Ambas vendem discos importados pelo mesmo preço: Lps a 45,00 e compactos a 11,00. Caso não possuam o disco que você procura, mandarão buscá-lo num prazo máximo de 20 dias.

São Paulo: MUSEU DO DISCO, Rua D. José de Barros 329 (tem o compacto de Ringo Starr ao preço de 12,00).

Antes de importar um lp ou compacto, verifique se as gravadoras nacionais não irão lançá-lo brevemente. Dependendo da qualidade técnica do original, a reprodução brasileira não será inferior. Economize grana. Mais vale uma noitada no Butikin do que um "importado" que toda a plebe já consome



**LIQUIDAÇÕES**

J. H. SANTOS, Otávio Rocha 41, fone 24-03-11

Lps a 10,50 e 9,00. Compactos-simples a 3,50. Compactos duplos a 5,00. Puxe um papo com a Vera Regina: pode até surgir um desconto extra.

MOZART DISCOS, 24 de Outubro 905, loja 10

Lps a 15,00. Serviço de lanches rápidos, torradas, cachorro-quente, aperitivos, revistas e, é claro, o Pato Macho das "bocas".

ARTES REUNIDAS: lps a 12,00 e 9,50

STAR DISCOS: lps a 12,00

**RESERVAS DE DISCOS**

Na Mozart, aceita-se reservas até 7 dias, pessoalmente ou por telefone.

No Artes Reunidas, no máximo por 24 horas, pessoalmente, ou por telefone.

Na Sar, no máximo por 72 horas, só pessoalmente.

**DESCONTOS E CREDIÁRIO**

J. H. SANTOS: Crediário em 2, 3, 4 e 5 pagamentos.

MOZART: Descontos generosos ou tímidos, dependendo da cantada.

ARTES REUNIDAS: Descontos até 10% e crediário com diversas modalidades de prestações.

ESTA PÁGINA NÃO ACEITA ANÚNCIOS NEM MATERIA PAGA



**CABINES PARA VOCE  
CURTIR O SOM ENQUANTO  
DECIDE SE COMPRA**

ARTES REUNIDAS: 3 cabines. Você escuta quantos discos quiser. Isto é, até encher o seu saco ou a paciência da balconista que o atende.

STAR DISCOS: 4 cabines. Você escuta 3 em cada visita. Nada de egoísmo, bicho!

Na MOZART e no J. H. SANTOS não há cabines. Mas os ótimos pick-ups e você também escuta quantos quiser: cara de pau!

Dependendo do papo e das piadas, o Mauro da MOZART ou a Vera Regina do J. H. SANTOS deixam que você curta até o sol se pôr. Depois disso, mostre sua boa formação cristã e leve ao menos uns 2 lps para não ficar chato. Nada de pão-durismo.

**ABREM SÁBADOS A TARDE**

MOZART e ARTES REUNIDAS

NÃO FECHAM AO MEIO-DIA

STAR ARTES REUNIDAS e J. H. SANTOS

## O ANARQUISTA NA SACRISTIA

Se fôsse minha intenção retratar Dom Luis Buñuel, diria apenas que ele não passa de uma belíssima vocação eclesiástica desencaminhada por Salvador Dalí e Garcia Lorca, seus companheiros herejes da Universidade de Madrid, nos distantes anos de ... 1920-1923. Não é o caso e acho, de resto, que o Goidá já esclareceu bem as coisas, em artigo para a ZH, quando informou-nos que Buñuel "freqüentemente simulava missas, vestindo hábitos religiosos, que entusiasmavam as suas irmãszinhas (...) e dos dezoto aos vinte anos foi vegetariano e cantava no Còro da Igreja de Calanda". Conferir também o livro de Adou Kyrou. De resto não estou aqui para retratar ninguém, muito menos Luis Buñuel, e sim para tentar entender o que é o seu cinema e dar algumas informações para vocês, com suas próprias cabeças e almas, entenderem melhor este diretor e sua obra.

Conheço, de todos os seus trabalhos, apenas "Diário de uma Camareira", "Viridiana", "O Anjo Exterminador", "A Bela da Tarde" e, agora, "O Estranho Caminho de São Tiago". É pouco, reconheço, mas é também o que consegui passar por aqui e pela censura nos últimos 10 anos e o que a maioria conhece. Ao tentar, portanto, compreender Luis Buñuel apenas por estes filmes, não estou fugindo do universo que vocês conhecem ou, pelo menos, tiveram oportunidade de conhecer. Afinal, Buñuel é importante pelos filmes exibidos e vistos e não por aquilo que dizem seus críticos. Sei perfeitamente que vocês estão se lixando para os filmes importantes que não viram e que eu poderia gritar até ficar rouco defen-

dendo um filme que nunca foi visto por ninguém. Após as obviedades do consumo, vamos a Buñuel.

Norman Mailer disse uma vez que o WASP (White, anglo-saxon, protestant) era o pior povo já surgido no planeta. Susan Sontag, indo mais longe, afirmou que "o homem branco é o câncer do planeta". Muito mais comedido e provinciano digo apenas que para mim o cristianismo é o verdadeiro causador do câncer nesta história toda. E Dom Luis também pensa assim, basta ver seus filmes. O problema é que Dom Luis não consegue repensar o cristianismo e sua influência cancerosa. E quando digo repensar falo no pensar segundo um artista: sentir, como uma iluminação, todas as articulações de uma estrutura e o local onde a podridão se manifesta da estrutura ao homem, e vice-versa, para sermos razoavelmente dialéticos e não totalitários, e não "humanistas".

Bem, Buñuel não consegue "pensar" a escatologia toda do cristianismo e da burguesia (outro dos alvos favoritos dele que permanece inclóme aos seus filmes) porque pensa a partir de uma cultura, uma linguagem, uma expectativa e uma psicologia de cristão. Ele não simpou nada das mentiras que atiraram (ao longo de uma infância e adolescência de católico espanhol) dentro dele. Flagrou junto aos vanguardistas da época, que o jansenismo ou jesuitismo já era. Mas entenda: ele pensa diferente, mas sente "igual", ainda é um culpado, por ter romido com o seu elo cultural básico, a ordem secular e mística do mundo: A família daqui é a carne da sagrada família e assim também as

Figuras básicas da mãe/igreja, do pai/dous/estado, eternos competidores deste talento em processo autofágico.

Buñuel devora-se e nos oferece o ruído e a imagem de seus dentes anarquistas contra sua carne cristã, numa imagem que causaram frêmitos em Dalí, mas que custa um bocado de sangue e insônia e proibições e perseguições policiais e dificuldades de trabalho para este cineasta que eu não gosto, que crítico, mas que (ironias à parte) procuro entender e respeitar.

Buñuel não é um hereje, a não ser para algum cônego do interior (aliás hereje não é palavra, uma vez que sua origem são os absurdos processos inquisitoriais da Idade Média e mais: uma palavra lá deles para expurgar seus contestadores). Mas dizia: Buñuel crítica o cristianismo a partir da simbologia cristã, isto é, de uma ideologia. Não sabe que para liquidar uma ideologia e uma teoria de bases falsas, basta um bom fato, e a frase é de um conhecido Bruxo da província. Buñuel apóia-se no surreal que é apenas um projeto ideológico, artístico. Sua fonte, para destruir a estrutura que o mastigou, devia ser a realidade maior que o cristianismo nega e sufoca: o corpo, sua materialidade, sua fome imediata, sua sobrevivência pelo prazer de si mesmo. Buñuel macera o corpo e a alma e persegue um anarquismo que lhe escapa desde dentro dele mesmo. E seu cenário, seus atores, são, como bem disse Godard, uma simulação da realidade. Buñuel não olha o mundo: apenas filma o que sonhou à noite. Dom Luis inventa e o que importa é descobrir.

quinze



**PLAIST!**

"Olhar em torno de si e viver livre. O cinema, que reproduz a vida, deve, então, filmar as personagens que olham em torno de si."

GODARD

"Cinema bom é o que tem mulher nua, tiro, e não enene o saco."

TICO SOLEDADE

**BUUUM!**

**ZUONG**

## O RECADO de Luis Buñuel

"Amo a todos os homens, não amo a sociedade que alguns deles fizeram".

"Quando faço um filme é porque tenho vontade e necessidade e fazê-lo nunca para causar escândalo. Já era assim em 1928, com "Un Chien Andalou". Quanto a "Viridiana", de que me censuram? Nesse filme fiquei sempre aquém do que poderia ter dito. Minha heróina achase mais virgem ao final que no começo..."

"A necessidade de comer não desculpa nunca a prostituição da arte". "Quando morrer, espero que quemem tudo o que jamais fiz. Tenho os mesmos sentimentos do Marquês de Sade. Quero que me queimem e que me lancem aos quatro ventos. Quero desaparecer completamente, sem deixar vestígios".

"Não me apego ao erotismo de superfície existente no cinema atual, o de copular e despir-se. Isso me choca. Sou pudico. Coro. E aliás exterior. O que eu mostraria é uma sensualidade, ao contrário, mais profunda, mais devoradora, mais terrível..."

"O cinema é uma arma magnífica e perigosa se é manejada por um espírito livre".

"A moral burguesa é, para mim, a imoral, contra a qual devo lutar. A moral fundada sobre nossas tão injustas instituições sociais, como a religião, a pátria, a família, a cultura; enfim, aquilo que se chamam os "pilares" da sociedade".

"Nunca procurei blasfemar, mas, naturalmente, o papa Paulo VI sabe fazê-lo melhor que eu".

"O que hoje conta é o mundo, e a Espanha não é para mim senão um pedaço muito pequenino desse mundo. Em meu tempo, ela era um vulcão. Hoje, é um lago tranquilo, e, não obstante certas aparências, adormecido".

### NOTINHA:

O pessoal de cinema do "matomacho" não ama o cinema de Luis Buñuel e não o considera em Guru. Mas estima e respeita não o artista, o intelectual, o homem comum, que sempre lutou contra o que de pior havia no mundo, apesar de si mesmo. O fascismo, as perseguições, as censuras passaram. A luta dele fica: a guerra.

ESTA PÁGINA NÃO ACEITA ANÚNCIOS NEM MATERIA PAGA

**GRACIÓ!**

"O cinema consiste em manipular a realidade através da manipulação de imagens e sons."

RESNAIS

JOSÉ ONOFRE

# SERVICO CINEMA

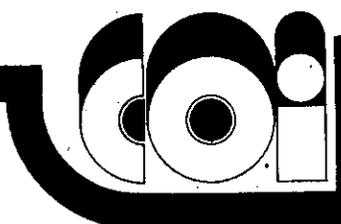


LA NOUVELLE CRITIQUE.

GODA

ONOFRE

MARILIO



Novela é cultura/os melhores atores do teatro fazem novelas... papo que a Globo falou pra atrair os intelectos. Só que na prática as coisas não funcionam bem assim. Daniel Filho, uma espécie de Yustrich do canal 9, baixou decreto proibindo os atores de novelas de trabalharem no teatro. Não quer dividir o prestígio com produtores de outra área.

A vida Escrachada de Bráulio Pedroso nunca faturou tanto como depois do sucesso de Marília Pêra em a Cafona. O teatro Ipanema tem estado lotado todas as noites pra ver Shirlei, não Joana Marini. A Marília sabe disso mas nem liga, na novela, como no palco, ela é cada vez mais Marília, a simplicidade que conquista gente no primeiro sorriso descontraindo. No começo, Bráulio Pedroso queria casar o cafona com Malu, já que Renata Sorrah é um dos monstros mais sagrados da Globo. Foi obrigado a mudar de idéia: Gilberto Ataíde vai ficar com a secretária. O ibope quis assim e assim tem que ser. A classe média quer identificar-se na novela e por isso fica com sua mais legítima representante. A classe fusca-legítima defende-se como pode. Não gosta de ser chamada de cafona, não compreende a novela que está registrando um índice bem baixo de audiência na Guanabara. Apenas 46% no primeiro mês quando Irmãos Coragem, no mesmo período ultrapassou os 80, coisa nunca vista até então. Acontece que o João é um tipo comovente, quem é que não marou, ou teve uma fila na rua? As novelas rurais — a literatura também-conseguem sucesso maior que a urbana. As cidades não apresentam o mesmo interesse, são mais fechadas do que no campo.

Até hoje (exceção ao Beto Rockefeller e Vêu de Noiva) nenhuma deu mais de 50% no ibope.

O grande público de novela, principalmente no Rio, quer ver aquilo ao que está acostumado. O chofer de Taxi que me levou ao Antonio's falou que tudo aquilo que via no Cafona era falso. Não gostava da Marília, uma mulher oferecida. Ele prefere Irmãos Coragem. Ritinha sim é uma mulher de verdade, não é falsa como a Renata Sorrah, teatral. Outro — garçom no Nino's — não entende bulhufas daquilo que Bráulio quer mostrar. «Nunca vi ninguém beber água da lavanda, isso é piada antiga. O Gilberto Ataíde nunca existiu».

Mas o socaite carioca pensa diferente. Estão fúlos da vida. O Didu de Souza Campos identificou-se tanto que até pensou em processar a Globo. Outros têm telefonado, disse o assistente da produção. Daniel Filho não concorda. Tem certeza de que dentro de dois meses o Cafona estará na crista da onda, atingindo mais de 80. Ele está acreditando mesmo na próxima novela das 8 horas, pra substituir Irmãos Coragem. Nome: O Homem que Devia Morrer, de Janet Clair. Um santo, líder, será o Tarciso Meira. Mais gente pra se comer durante as gravações: Glória Menezes, Jardel Filho, Dina Staf, Paulo José e Cláudio Cavalcanti. Um elenco de monstros sagrados, uma estória rural, comovente, o segredo que Daniel tanto confia. Para às 19 horas já tem pronta. Minha Doce Namorada, o encontro da Ritinha com Cláudio Marz em Ouro Preto. A tradicional família mineira vai enlevar-se. Três horários para três gêneros, para três públicos.

Agora só falta saber se a censura federal vai liberar a nova produção de Janet Clair. O Homem que Devia Morrer poderá acabar virando circo. Parece que os censores não gostam muito desse negócio de santo defendendo oprimidos pela af. Circo sim. Circo sempre dá pé em países de pão, circo foi futebol e bôca fechada pra não entrar música. Acertado este detalhe, do santo ou do circo, a coisa vai começar. E começa logo. No Rio a Globo quer botar a nova novela no ar em junho. Muitos capítulos já estão sendo gravados na mesma orientação de sempre. Cinco partes por semana baseadas numa sinopse. O roteiro e o argumento mudam conforme o desejo do ibope.

... AÍ, DEPOIS QUE A MOÇA TÁ BEM SEGURA, O COI CHEGA E DIZ: "OLHA, EU SÓ QUERO SE VOCÊ QUISER TAMBÉM..."

Em Irmãos Coragem o Duda deveria engolir João. Afinal não comemos, dormimos e bebemos futebol? Era dona Janet: futebol a gente vê no Maracanã, no Beira Rio, no Mineirão, nas peladas. Discute-se, morre-se até. Novela é diferente, novela é a vida da gente, ou lá dêles. Não dá pra misturar nossos tri-ídeos com frivolidades da vida real. Deixe em paz os nossos Pelés que nos comprometeram ficar 30 minutos por dia agüentando os comerciais entre suas novelas.

Se novela é cultura? o carioca acredita que sim, acredita não, defende seu direito de instruir-se todas as dias. Enquanto o número de telespectadores aumentou em 36% na Guanabara a venda de jornais caiu em mais de 28% nos últimos três anos. Sim, novela é cultura, cultura de massa, conforme a Marplan, 72% dos cariocas acreditam que a novela contribui para a cultura do povo. Mas mesmo admitindo que novela é cultura os cariocas (71%) insistem em considerar «um simples divertimento».

Conciliando: um divertimento cons-

trutivo. O medo de ser fôzoca de novela ainda persiste mesmo nas cidades civilizadas. Eu não conheço ninguém, aqui em Porto Alegre, que admita estar grilado no Cafona, ou no diamante do João. Todo mundo desculpa-se dizendo, bem, às vezes eu passo pelo aparelho, se está ligado eu vejo. Vi alguns capítulos, por acaso.

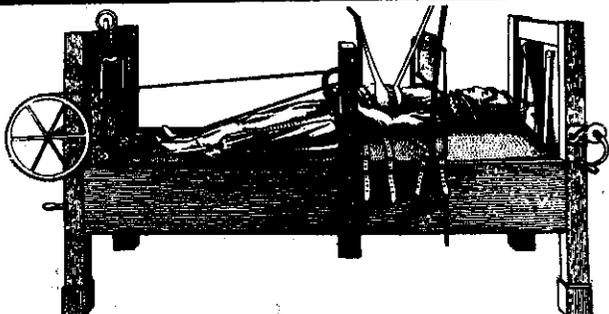
Afinal novela é assunto pra copa e cozinha. Quem não é filho da mãe, E a Ritinha? coitada! Elas choram abraçadas, usam o mesmo avental como lenço. Já no Cafona as opiniões se dividem. Há um atrito entre a sala e o cozinha. A crioula não entende muito bem a necessidade do Gigi em ser gente fina. Apostam na Shirlev. Dona Maria Célia, garanto, torce pela Beatriz. O deputado deve preferir a Malu, mais bonitinha. Isso porque ele — como o

Luiz Fernando — não sabe que a Renatinha tem pernas tortas e é mais chata do que o Sgrillo.

Eu Quero Ver, uma música que, apesar dos pesares, não diz coisa nenhuma está vendendo paca. Os irmãos Vale faturando alto em cima do sucesso do Cafona. Sucesso relativo, pois o índice de audiência ainda é baixo. Mas quem compra disco é classe A, os outros se contentam com o Mundial, a Continental dêles. «Livro como disco é esnabçoção de gente metida a bêsta. Pra que gastar 18 contos se toca no Rádio? Pra que ler, se basta apenas ligar o aparelho de TV, ficar sentado, fumando, conversando durante os intermináveis intervalos?»

Esta é a opinião de 85% de quem assiste novela. Os outros 15% ficam na faixa do só vejo por acaso. Prefiro um livro, um papo inteligente, cinema. Teatro não, já morreu. Teatro hoje é pornografia. «Caisa de comunistas».

E assim a gente vai vivendo neste país do futuro onde todos se divertem jogando na terceira bolsa do mundo...



**ARME-SE DE UM PRESENTE, RÁPIDO!**



**ali no foco do bang-bang**

**KY presente**

vig. josé inácio, 355 - fone 24-6722



depressões

**DO RIO**

O velho guerralro assinou com a Globo, é furado qualquer paço em contrário. Chacrinha ficou na Rede por 300 milhões antigos ao mês. Agora seus dois programas serão produzidos por ele mesmo, como já acontece com o Sílvio Santos (\$ 150) e Flávio Cavalcanti (\$ 100).

**DAQUI**

A província está crescendo, devagar e sempre. O Zé Gabriel foi quem veio contar: a J. H. Santos acaba de fazer um lançamento inédito no mercado de capitais do portinho. Liderando um pool de corretores a Malo-nave colocou na bolsa daqui 1.000.000 de ações daquela empresa. Investidores atenção: mais ações serão lançadas posteriormente, na Guanabara...

**DE UTILIDADE**

O secretário da Saúde, cirurgião dentista, Jair Soares está preocupado com a incidência de doenças venéreas no portinho. O germe conhecido nos meios médicos como "Neisseria Gonorrhoeae" é o que mais assusta nosso secretário dentista. Ele até instalou um pósto de atendimento gratuito no Hospital das Clínicas para exames, fornecimento de medicamentos e atendimento de urgência. Ainda mais: se você preferir poderá ser atendido anônimoamente...

**ELA é Maria Adelaide Cannozi, a Mázinha, um apelido bem fora do contexto. A menina é sensacional, linda, tá todo mundo vendo que é, o resto está nesta história bolada por ela e outras nem tão espetaculares: Como quase toda a população da província as gurias desejam entrar na jogada do Simandol. Destino: Paris. As passagens estão caras, falta grana, negócio é inventar. No dia 21 o Butikin será uma festa, festa em benefício da viagem das meninas. O convite custará, não sei quanto, a renda todinha será pra que elas possam se mandar em tempo. Ninguém pode resistir ao charme da Mázinha, olhe só a cara tristonha que ela está... não é justo deixara coitadinha chorar. Entre na delas e contribua para o esvaziamento desta praça. (CLA)**



**NÃO DEIXE ESTA MENINA CHORAR. ELA MERECE ESTAR EM PARIS ANTES DO VERÃO. AJUDE-A COMPARECENDO À FESTA DO DIA 21 NO BUTIKIN.**

**RÁDIO**

Já que a Continental não dá notícia, aí vai uma informação pra quem gosta de estar bem informado: a Gualba já era. Desde que o Koleszka assumiu o departamento de notícias da Gaúcha as coisas mudaram. Como diria o Judeu Westphalen: já tem négo imitando... (CLA)

**BICHA**

Eram 2 da manhã, eu ia chegando em casa quando fui interceptado por um Dodge azul, cupê. Era o... (bem, vou livrar a cara do dito cujo por esta vez, dou só uma dica: alto prócer na Zero Hora) que não resistiu à tentação de me contar a última:  
"O Shiguero, fotógrafo japonês de Zero Hora, naturalizou-se brasileiro. Agora ele tem um prazo de 8 dias para trocar de nome, abraçá-lo o seu. Todo mundo deu palpita. Um repórter falou: porque não Renato? Ao que o japuca retrucou:  
— Cluzes, Renato é perigoso. Nome de bicha... Renato D'allgo, Renato Losa..." (CLA).

**DICA**

De mulher no Pasquim... de comida, livro, cinema, boates, carango e moda aqui no Peto mesmo. Antes que eu esqueça, já que nossos informantes na noite não estão ainda bem familiarizados com o metier: por 10 contos você come e bebe vinho na Cantina Roma. Não esqueçam que a temporada de caça está em plena vigência...

**Recital**

Minha gente é no Teatro São Pedro. O dia é 24 e o nome é JESSE SILVA, um violão para ser respeitado. Ele foi, por muitos anos violinista do Píxinguinha, companheiro do Jacó do Bandoim, O Recital vai do mestre Segóvia à Heckel Tavares passando por Vila Lobos e outros babados do gênero. Não é de se perder, um dos melhores violões que conheço (R. D.) Em tempo / Horário 21 hs.



**I LOVE YOU**

**SAIBA RESPONDER A ALTURA I.. COMUNIQUE-SE COM O MUNDO, FIQUE POR DENTRO FALANDO INGLÊS.**

**TURNOS. MANHÃ, TARDE E NOITE.**

**INELI**  
instituto eletrônico de línguas

Rua Professor Annes Dias, 112 8:9:10; andares. Fones-25 85 68-25 85 69

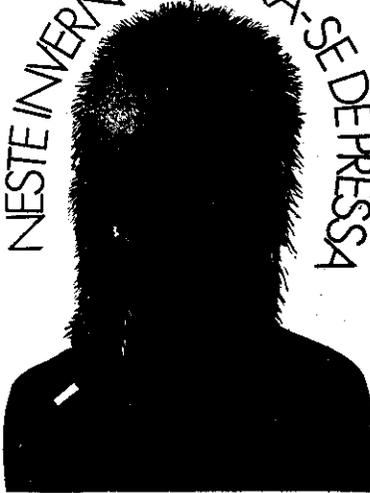
ALZESSOR

# MODA



Alô, BARTHÔ:  
É brincadeira da Odette,  
Despeito.

NESTE INVERNO CUBRA-SE DE PRESSA



## pelaria europeia

andradas, 1534 fone: 24.21.10

# Odette



Boate BARTHÔ recebe jornalistas  
(à la façon de Paul Raymond Gasparotto)

Uma plêiade de destacados líderes da Sociedade local e este jornalista, foram gentilmente convidados pelos Senhores proprietários da nova casa noturna, sita à Avenida João Pessoa esquina Otávio Billac.

Um grupo de Sociedade disse presente ao jantar grandiosamente oferecido pelos proprietários. Sr. e Sra. Leovegildo Alves, Silva, ela num longuete Nazareth, com jóias Scarpini. Srta. Theodósia Gonçalves, hot-pants com semicoxas à mostra, delicadíssima com todos; Sr. Hermenegildo Teodósio do Couto, com

a Srta. Govvinta Chaves participavam do grupo mais velho, onde outrora pontificava o Sr. Recaredo Lopes de Almeida, hoje no Presídio Central.

O Sr. Odone Dornelles levando um grande anel de formatura em rubis cravejado de pequenas baguettes de brilhantes, presente que foi do lente da Benemerita Faculdade de Direito, o Sr. Teodoro Tasso e Silva, a Vva. Stelinhá Galvão Cunha, em renda marescot preta transparente que despertou a inveja de outras senhoras e alguns comentários mal-dosos por parte Lacy Borges Só, propalando a vários grupos ser a renda sobre do manto funerário da Princesa Isabel D'Orleans e Bragança. Dona Stelinhá ao ouvir isto espoucou um tapé na cara de Dona Lacy. Em outro nappe exclusivo,orgette Bastian Caldas da Rainha, galinhava Tony Jorge, manequim das Lojas Renner, nos reservados masculinos o industrial Jorge Adolpho Castro Gomes comentava com o Sr. Isaac Roebenbruch a alta do preço do fumo e a dificuldade atual da importação de boias. Os grupos seletos se sucederam, o alto gabarito da festa justificou plenamente os convites exclusivíssimos deste grupo fechadíssimo.

Odette de Crécy

## TENDA JÁ ERA

du ARV desduano pas  
sado. Agora lo's du  
OR (du) SHOETAS, CANI-  
DU, MALHA, IAS, MOCAT  
TINS, COURO, LONAE  
CALÇAS (QUE  
CALÇAS...)



## a loja mais mulher do portinho

# bier

feminina

## andradas 1625

## CALÇAS FEITAS NA HORA

CALÇAS

ENTRE  
NAS  
CALÇAS

# Jim's

GAL MALCON loja 6

CENTRO COMERCIAL, Av. J. Pessoa 1831-loja 215



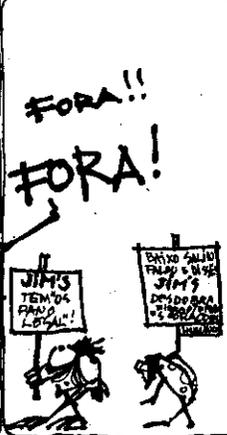
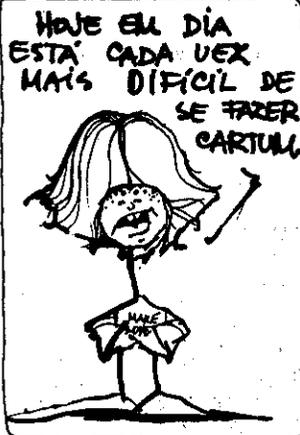
## INSTITUTO HATHA-YOGA



Direção de LORNI S. TORRESINI  
Para conseguir saúde perfeita, Equi-  
librio Patossomático e Rejuvenescimen-  
to e corrigir Distúrbios Respiratórios de  
Crianças. Retiro do treinamento Autóge-  
neo do Dr. Schmitz.

Informações pelo Fone: 22.62-01  
AV. INDEPENDÊNCIA, 688

PATOTA COPYRIGHT BY DE PRORO



**FEIJOADAS**

Todos os sábados no Bond'eu tem feijão pra patota. No passado ninguém sabia se era dia ou madrugada. Katinna, Tamara, Renato D'Arrigo, Rui Sommer, Tatata, Beto Prado, Bárbara Gonçalves, Anete, ora boles! o mesmo pessoal da noite resovendo madrugara pró feijão do Dudu.

**QUADRINHOS**

Esse nem o Nilo Costa e Silva, que é tarado por quadrinhos, sabe: será lançada nos próximos dias uma revista em formato de jornal (tablóide) em policromia (4 cores) exclusivamente com estórias em quadrinho. O preço da revista será um conto e a tiragem inicial 50 mil exemplares. Todos os grandes heróis estarão ali, do Pató Donald ao Zorro, tudo.

**ALO, PRAS GAROTINHAS**

Pórtó Alegre anda muito de vagar, quase parando por isto solicito às garotinhas que promovam mais festinhas, rangos, dançantes, etc. Porque não há mais saco que agente não ter o que fazer, as festas devem ser em casa grande com um mínimo de caretas possível. Um abraço da galinha do pato. NILO SOARES

# TRANSAS

**CAPITULAR**

O Marcão Faermen é tão fanático por jornal que uma das paixões da sua vida é a capitular, aquela letra inicial, geralmente grande, com que se usa (muito no Jornal da Tarde) pra curtir páginas.

**O PATO FOI JANTAR...**



O Pato foi convidado a jantar no BARTHÔ, a nova boate da Avenida João Pessoa, esquina Olavo Bilac. Foi toda a patota, menos o Nobre, que andava atrás do Hofmeister disfarçado de Bayard, para não perder um: o Celente e o Lula Fernando e o D'Arrigo, que não gostam de comer. O Col, o Ferlauto, o Tatata, o Levitan, o Beto Prado, o Celente, o Harry Sabugosa e nosa graciosa secretária, Ana Helena, voltaram entusiasmados com o Barthô "O Butikin que se cuida", foi o sucinto veredito do nosso Sabugosa, um homem que entende das coisas.

**PESQUISA**

Pela primeira vez na história a imprensa provinciana tem um departamento de pesquisa e arquivo de texto. Helena Ronheau está organizando desde o começo do ano a pesquisa da Zero Hora. O negócio é pra funcionar, a longo prazo, assim como já funcionam, com êxito, as pesquisas do Estadão e do Jornal do Brasil. É a província adquirindo métodos civilizados.

**ESPORTE**

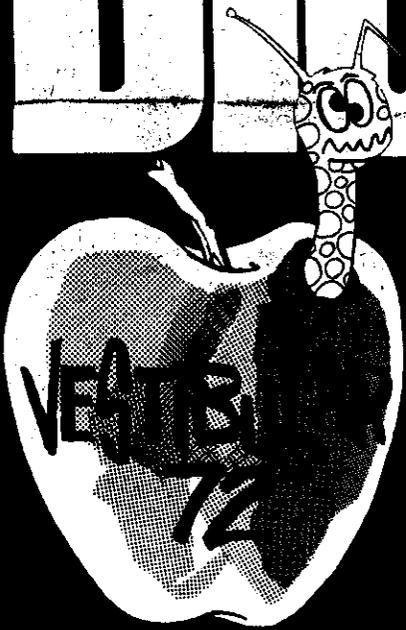
Nada como dois anos depois... antes foi aquela da guerra do futebol, agora é a paz do ping-pong.

**ESCOLA**

No princípio era uma vez por ano. Durante 14 anos o jornal Escola, da Faculdade de Jornalismo da UFRGS, saiu como el-manaque, ou anuário do Correio do Povo. A Reitoria fornecia uma verba de 8 milhões, verba que permanece inalterada. Acontece que a turma do 39 ano (Gilberto Leal, Roberto Appel, Sonia Renner e muitos outros) resolveu utilizar a verba de outra maneira. Agora o jornal está sendo impresso em papel jornal, comum, a um preço bem mais baixo. Assim conseguiram editar mais de quatro números anuais mesmo contrariando a opinião de alguns professores que não estão vendo com bons olhos a iniciativa. Para eles usada. O 29 número de 77 já está circulando.

dezenove

# BICHÃO



**O YAZIGI É QUE ESTA POR DENTRO DO VESTIBULAR UNIFICADO.**

Agora, com o vestibular unificado, o inglês é obrigatório, para todos os cursos. E o Yáziqi sabe como ensinar inglês, para você ficar totalmente por dentro da Faculdade, bicho! Assista uma aula demonstração, grátis, para ter certeza.

**INSTITUTO DE IDIOMAS**

## Yáziqi

Andradas, 1560 - 10.º and. - Fone: 25-3631  
24 de Outubro, 688 - Fone: 22-8633  
Protásio Alves, 491 - 2.º  
São Pedro, 1511 - esq. Benjamin Constant



• turmas especiais para todos os adiantamentos • manhã, tarde, noite

# CARANGO

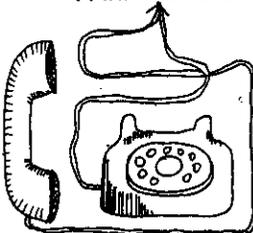


Quem paga à vista, paga menos. Vá buscar seu crédito direto na

**Maisonnave S.A.**  
para gozar desta vantagem,  
Andradas, 1432 - loja.



PARA ANUNCIAR  
NESTA PÁGINA  
BASTA TELEFONAR  
PARA 23-78-50



**DARCI AUTO**  
ANDRADAS, 724  
FONE - 25-14-55  
A CARANGA  
QUENTE EM 24  
PAGAMENTOS

PEÇAS E  
ACESSÓRIOS



**LUCECAR**  
Rua Santos Dumont, 1079  
Fone 22-7776

## AUTOMÓVEL, ESSE GRANDE NEGÓCIO Carlos Nobre



ESSES AUTOMÓVEIS  
DE HOJE, SÃO  
JÁ COM OS DE  
ANTIQUARIADO...  
SINAL DOS TEMPOS...

Não disse que o Ferlauto me acha um gênio? Agora o Ferlauto quer que eu escreva sobre autos. Entendo: Ferlauto, auto — sacumé. A relação é duca, mas... sei, não. Vamos lá. O Ferlauto falou, tá faleado.

Experiência com automóvel usado só tive uma: na oficina. O mecânico, que não é bêta nem nada, manjou logo que eu em tendia menos do assunto que só o Rubis entende de gramática portuguesa e tratou de aplicar a conhecida enrolação. Bem, de pois de examinar superficialmente o meu carro (eles sempre examinam superficialmente e assim encontram os mais intrínsecos defeitos), franziu o sobrolho (alô, revisão: mecânico franze o sobrolho? Vá esse negócio pro mim), laçando:

— Hum, é um sério negócio de diafragma.

Diafragma? — penso eu. Pô, nem sabia que fuca tinha diafragma que nem os cantores líricos. Mas não querendo que o mecânico fique sabendo que não manjo nada, obtempero:

— Bom, se é no diafragma concerta.

O mecânico vai e começa a concertar. Cinco horas depois.



Nobre falou e disse:  
O NEGÓCIO É PATILHETE!

após pegar uma nota pelo conserto, saiu da oficina no carrinho, certo que o seu diafragma está concertado. Leço enganô. Uma hora depois adivinham quem tá lá na oficina de novo? O meu carro, uai. O mecânico vai e examina de novo. Olha daqui, manja dali. Pronto. Sentença:

— XI. Temos que tirar o motor O carro tá com o pistão desafinado.

Pistão desafinado? Puxa, eu nem sabia que automóvel tinha pistão. Mai e mal imaginaria que tivesse clarinete, quem sabe uma flauta, mas pistão nunca. Ele me informa que mexer no pistão sai um tutu. Pô, se ao menos o defeito fosse no cuíca. Mas, que é que eu vou fazer. Falo ao mecânico:

— Pode afinar o pistão. Enfim, depois de apertar um parafusinho, que o mecânico diz ser o que afina o pistão, pago uma fortuna e saio da oficina direto para um picareta, disposto a vender o carro. Alá, o picareta foi honesto e acho que fiz um excelente negócio: troquei meu automóvel por uma bicicleta, dando duzentos contos de volta.

- Virabrequim ROLETADO
- Serviço Autorizado
- Carros PUMA



- Equipamentos esportivos
- Camping
- Serviços em fibreglass

BLESSMANN GUEDES

REVENDEDOR:

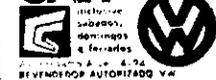
**Zé Guedes**  
RUA CASEMIRO DE ABREU, 917 - TEL: 22-9323



POR APENAS  
**196,00**  
MENSAIS

**7º PLANO GAÚCHA-CAR**  
DE AUTOFINANCIAMENTO

**GAÚCHA CAR** 24 HORAS



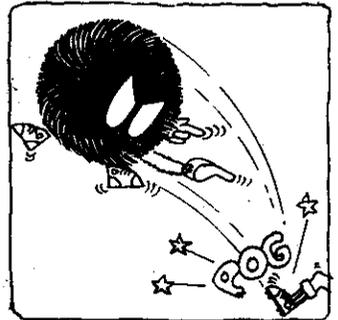
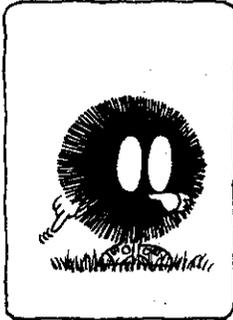
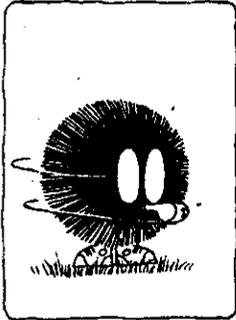
PEÇAS PARA VOLKSWAGEN  
AZENHA, 591

PARA  
**VOLKSWAGEN**  
TUDO  
PELO MELHOR PREÇO  
facilidade de pagamento  
sem qualquer compromisso  
**UNICOM**  
PEÇAS PARA VOLKSWAGEN  
AZENHA, 591

Compre seu carro à vista, para pagar menos!  
**Maisonnave S.A.**  
Cada financiamento e leasing se encarga do crédito  
Andradas, 1432 - loja.

SERVIÇO  
**VW**  
**GUAIBACAR**  
SÃO PEDRO, 494

mm



# CARTAS DE AMOR OUTRAS I ETC.

## FAXINA

Patomacho chegou na hora certa. Não sei se vocês vão dar certo. Além das dificuldades internas, as externas não serão poucas. Páto Alegre, às vezes, parece caber toda dentro do bairro da Cavalhada, e é difícil se falar dos habitantes de uma vila pequena sem provocar atritos. Mas desejo expressar o meu desejo de que vocês deem certo. Dando, vão levar muita coisa pra frente, vão abrir muitos quartos fechados, movimentar muita poeira. E quem sabe essa faxina não ajudará os outros, até mesmo os mais céticos? Boa sorte para vocês. Carlos Stein — Brigado, Stein. Com o apoio — e as colaborações, quando é que vêm? — de gente como tu, não podemos errar.



## USOS

Manda a justiça que se declare: Patomacho é mesmo providencial, pelos mil usos que dele se pode fazer. H. Scholz, perdido no deserto durante quatro dias com folhas de «Patomacho», declarou: «São nutritivas e saborosas e não aumentam o colesterol». O único para-efeito observado foi o surgimento de penas amareladas na região axilar («Domenica del Corriere», abril 71) Mary L. Hotchkiss descreve o uso de «Patomacho» como afrodisíaco: basta dissolver as folhas centrais no sumo da planta africana «lettia familia». («Almanaque d' A Saúde da Mulher»).

Hammond e colaboradores provaram que duas folhas de «Patomacho» recortadas de forma especial no equinócio de outono e colocadas a uma distância de três pés uma da outra geram um campo antigravitacional que permite a um homem de setenta e dois quilos elevar-se não ar a uma altura de quinze centímetros. («O Titico»). Dadas essas propriedades, pode-se esperar de «Patomacho» reversão de expectativas? Bons preços para os produtos primários? Valorização do bol vivo? Aumento do poder nutritivo do soja? Incentivos fiscais? Teatros cheios? Leitores para os escritores gaúchos? Mais luz? Espera a resposta o superpatente — mas já desanimado. Capitão Joel Meiswian

— Não desanime, Capitão. Para alguma coisa o «Patomacho» serve. Ainda não descobrimos pra que é, mas serve.



## CARTA ABERTA

Os alunos do Instituto de Letras da UFRGS fizeram uma assembleia geral no dia 19 de abril de 1971 decidiram enviar carta aberta aos jornais, explicando porque rejeitam o recente edital que estabelece o inglês como língua única no novo vestibular. Eis alguns trechos da carta:

«O Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino Secundário, Primário e Comercial do Rio Grande do Sul manifestou-se contra as medidas impostas no referido Edital, considerando

inoportuna a época em que foi publicado, visto que as escolas secundárias já tinham um Currículo em funcionamento. As consequências mais imediatas far-se-ão sentir já no vestibular de 72, quando os alunos que estudarem desde o curso ginasial outra língua, quer não a inglesa, e que se prepararem agora para o vestibular, se verão praticamente impossibilitados de prestar exame na UFRGS, pois não terão possibilidades, em menos de um ano, de aprender conteúdos de uma língua com fins de competição».



«Alega a Reitoria que a inclusão da prova de inglês não implica em que não sejam ensinadas outras línguas além desta no secundário, nem que a própria Universidade deixe de ensiná-las e valorizá-las em seus cursos». Parece que o professor Manuel Luiz Leão, secretário geral do Conselho de Planejamento e Desenvolvimento (órgão superior ligado à Reitoria), «não sabe» que, na prática, o ensino secundário está voltado para o vestibular. Todos aqueles alunos que chegam ao segundo ciclo, em sua maior parte, querem entrar na Universidade, porém, sabendo que o número de vagas é limitado em relação aos candidatos (12.000 candidatos para 2.500 vagas em 1971), naturalmente se interessam pelas matérias que lhe permitem ingresso no curso superior. Somente despertarem interesse as cadeiras optativas que façam parte do vestibular. Outras línguas que não o inglês, por não entrarem no vestibular, não serão alvo de interesse dos

alunos e conseqüentemente serão, das poucas, de funcionamento. Desta forma, a Reitoria, na prática, estará impondo ao secundário um currículo, o que não é de sua competência.»

«Em relação ao Curso de Letras, haverá um óbvio depreciação das demais línguas, que, contando com um número cada vez mais reduzido de alunos, terminarão ao longo de certo prazo por desaparecer, ou tornar-se cadeira «decorativa». Um aluno que aprimorou seus estudos durante todo o curso médio (níveis 1 e 2) e reuniu elementos para competir a ser classificado num vestibular, deixará o inglês para se dedicar a outra língua na Universidade? Os professores já formados em outras línguas e os ainda em formação estarão gradativamente sem emprego. Em relação ao aluno de inglês, haverá um acúmulo tanto nas salas de aula como no mercado de trabalho (aumento considerável na concorrência profissional). Haverá ainda uma sobrecarga de professores de Português, visto que a grande maioria estuda o Português e uma língua estrangeira.

A limitação cultural, oriunda das distorções de um vestibular mal estruturado, será um fato. A realidade brasileira é que o aluno secundário se prepara para o vestibular e o aluno universitário se prepara para lecionar no secundário, (infelizmente nos cursos humanísticos) já que as oportunidades de pesquisa e os estudos de pós-graduação são raros. Assim sendo o círculo vicioso Secundário-Universidade ficará ainda mais restrito, vivendo-se em função de algumas matérias específicas e, entre elas, uma só língua, uma só influência cultural. Não há lógica em reduzir as contribuições culturais a uma única fonte, por apenas um canal: o inglês, visto que cursos como Direito, Ciências Sociais, Filosofia e outras utilizam para seu estudo material francês, alemão,

italiano, etc.; isto sem considerar-se que o Espanhol é a língua em que mais se traduz para a América Latina. E mesmo nas áreas técnicas as contribuições são somente norte-americanas e inglesas?

Os alunos do Instituto de Letras, tendo em vista os pontos acima apresentados não podem aceitar uma medida que nos restringe a apenas uma visão do mundo, apenas uma influência cultural, apenas uma língua.

Por acreditarmos que este problema atinge a Diretores, Professores, alunos Universitários, secundaristas, bem como muitas outras áreas de divulgação cultural, propomos que todas manifestem suas posições através dos meios que acreditamos os melhores.»

Ass. Os alunos do Curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em assembleia realizada no dia 19/4/1971.



## INOCENTE

Do livro «A Hermida» (1) recebemos um recorte da «Tabelinha da Esportiva», nº 32, página 3, onde, sob o título «Grêmio se reorganiza para novas conquistas», está escrito: «Para tanto, contratou os serviços do treinador Oto Glória, dispensando seu treinador de muitos anos, Dalro Menezes. Oto Glória iniciou trabalho de recuperação de estrelas do elenco grêmista, como no caso especial de Alcindo e Bráulio, ambos afastados da equipe por seu antecessor...» O sr. Hermida também manda recortes da Zero Hora e da Folha da Tarde, esperando que a gente gaze com eles também. É um inocente, como se vê. Agora bobagens da «Tabelinha da Esportiva» podem mandar sempre que a gente tenha a valer, seu Hermida.

Print e uma

## SUPER-FOTO

EM MATÉRIA DE FOTOGRAFIA  
A CAMBIAL ESTÁ SEMPRE  
EM FOCO!



DEIXE SEMPRE  
SEU FILME NA  
CAMBIAL BICO!



TREMENDO LABORATÓRIO  
ELETRÔNICO  
SERVIÇO MAIS RÁPIDO  
DA CIDADE



TEMOS FLASH ELETRÔNICO,  
GRAVADORES, TELEVISORES,  
TACA DISCOS

O NEGÓCIO É IR LA MESMO  
O RESTO É PAPO FURADO!

TEM CADA TELE-OBJETIVA  
QUE PARECE UM CANHÃO!



É ISSO AI!

**A cambial**

RUA DO PLORE, 108 - PORTO ALEGRE - RS - FONE: 34-44-88  
FAX: 1 - RUA YPIRANGA JOSÉ BUZZI, 241 - FONE: 24-34-08

ABRIL/1970

# CARTAS DE AMOR OUTRAS E ETC.

## VIAJANTE

Estava eu pôsto em repouso no meu local de trabalho, situado exatamente no quarto andar do edifício Bloch Editôres, à praça do Russel, Flamengo, na cidade sobejamente conhecida e divulgada — inclusive — como MARAVILHOSA, quando eis senão que penetra no recinto um jovem febeo trazendo um envelope (sem remetente) dirigido a mol. Abro. Surpresa. Alegria. Espanto. Etc. (principalmente etc.) Trata-se do número 2 do vosso «Pato Macho», de cuja existência até então eu sequer suspeitava. Li, mas antes de ler olhei ávido procurando coisas, gentes, nomes conhecidos. De sobra, bicho: uma foto da Magliani, o bruxo a diva tava apenas 17 aninhos e fazia a fada, a louca, Tatata, meu companheiro quando eu cono 1º ano do curso de Letras da

to loucos mais conhecidos da Zona Sul (Baby Consuelo, Nacif Elias, Pau'inho Bôca de Cantor, Stepan Nercession, etc.). Ah, mais uma dica de gaúcho (nascido em Itaqui): Francisco Bittencourt assumiu a direção da secção de artes plásticas da revista do Diner's, a ser lançada dentro de uns 2 meses. Bom. Estou escrevendo na redacção e roubando o ouro de Pato e A dolpho. Não é justo. Manco-me aqui. Olha, se vocês realmente precisam de alguma coisa minha, tô aqui mesmo, dicas contatos, divulgação. Tô numa multa boa e, principalmente, numa de ampliar. Diga ao Tatata que êle continua no meu coração.

— Val mandando que a gente publica, Colo. O Tatata chorou muito com a tua carta, ficou emocionadíssimo, mas diz que não se lembra de ti.

Caio Fernando Abreu  
Guanabara

— Val mandando que a gente publica, Colo. O Tatata chorou muito com a tua carta, ficou emocionadíssimo, mas diz que não se lembra de ti.



BRABA

gloriosa faculdade de Filosofia da UFRGS (nosso bicho) e tanta coisa que, de súbito, sentimo novamente vagando pelas ruas de nossa idolatrada cidade-sorriso. Não faltava sequer uma dica para as difamadas e maltratadas minorias eroticas: a suplemento dominical «A Marrequilha»; Rubina, Queça e Luiza Feijuda (vocês esqueceram Bizanta e Valéria). Falando sério aliás, não faço outra coisa: tô um barato muito pirado. Dá pé. É demais. Vocês deram A dentro. Continuem. Com força. Tô na de vocês sem parar. Barra pesadíssima. Uma brasa. Um sarro. Enfim (consel). Olha, eu tô aqui escrevendo horrores, explodindo muito, viajando paca e queria mandar um recado pra que se ligar: lá vai: A ERA DE AQUARIO ESTÁ BATENDO NA PORTA E QUEM NÃO SE TRANSFORMA EM BRUXO, PROFETA OU DEMONIO VAI SOLENEMENTE

Another thing: eu queria que vocês me mandassem o Pato Macho, que aliás não é TAO macho assim — graças a deus — não sei se vocês já estão fazendo assinaturas ou se podem me mandar na base do amor-graça. Mais umas notinhas de gaúchos por aqui que vocês podem aproveitar (falar nisso, vocês não querem um correspondente aqui, não? paga uma cuba, bem?): Ida Celina Silveira estreou num dos primeiros papéis de «Os Últimos», de Gorki; Beth Zambrano vai começar a fotografar de manequim exclusivo da DESFILE (não passou nem passará — nem morta, segundo ela — pelas mãos do Justino — recusa-se terminantemente a ser capa de Manchete, a despeito de Insistentes e Insinuantes convites); Luiz Carlos Mello da Costa está morando em Salvador onde foi fazer uma exposição e eu, depois de lançar o meu «Limite Branco» em janeiro, vou lançar agora em maio aqui no Rio o «Inventário da Irremediável». Todos êsses aí de cima, incluso mol, habitam juntos numa comuna em Botafogo, zona paca, visitada pelos mi-

Junto segue uma série de coisas que são um saco aqui na Perala das Colônias. É a título de colaboração com essa patota duca. Vocês estão na nossa. Simandol, versão Caxias: O frio. Paulo Gargioni (sequito do Gasparotto). Rádio São Francisco. Juvenil. Seu Vitorio. O diretor do Comtur. O Veter. O Calabouço. A Suzete. A boate da Betina. O uísque do Passargados. O Luiz Carlos da Difusora. O Pastelão. A avenida Julia. A saída do Cristovão. O padre Ivo. O professor Mozé. Os músicos calafos do La Carga. As grossuras dos locutores de Caxias. O sargento Moreira. O Pioneiro. O Juventude. São Pelegrino. O Jaime Bananeiro. E mais, muito mais. Não dá pra aguentar. Eta terrinha braba.

Gilberto, Paulo e Nara  
Caxias do Sul

Atenção, Caxias. Qualquer bronca é com o Gilberto, o Paulo e a Nara.



CARA

Ve se livra a cara dos Martins, pô CILON.

— Não tem o que livrar, Cilón. Todo mundo aqui é vidrada na Maria Helena. Não foi por mal, tche.



Cartas para  
Jose Bonifácio 595



Senhora de Crécy  
Meu amiguinho que é jogador de futebol agora está posendo para fotografias de cuecas, pois segundo a agência, ninguém tem melhores coxas do que êle. Acho que isto vai prejudicar o bom andamento do jogo dêle. Não acha a senhora. Fã em dúvida.

Querido fã. Já por ser seu amigo um jogador de futebol, deverá ser êle muito versátil, ora jogando numa posição, ora noutra, um dia num time, um dia noutro. Agora êle encontrou outro ramo de versatilidade, de força, ajude-o, incentive-o. Para maiores esclarecimentos envie-me algumas fotografias de seu amigo. I wait, love from Odette.

Senhora de Crécy

As minhas regras estão desregradas, como aqui em Faxinal do Soturno não há ginecologista, peço seus conselhos.

A Exceção e a Regra.  
Cara Exceção e a Regra, nada mais fácil. Regulador Xavier nº 1 para falta e o nº 2 para escassez. Tente também A Saúde da Mulher nº 3.  
Boas Regras.

Dona Odete: Seus magníficos conselhos estão sendo seguidos por tôdas minhas amigas, mas o meu problema é transcendental, afetou profundamente a felicidade conjugal, meu marido é impotente! Não tem força sequer para levantar a chícara do cafézinho. Ao dar o nó na gravata desmaiou pelo esforço, o trabalho dêle já começa a se ressentir, pois faz balha aberta num atelier de alta costura da cidade, e seu chefe reclama porque as balhas estão abertas demais. Eu com o que ganho não posso sustentar os gatos que êle cria. Sou auxiliar de estiva no Porto de Rio Grande, sei que não é um trabalho feminino, mas que posso fazer se sou a única e levantar 500 kg em cada mão?

Ajude-me! Rio Grandina Ferajuda.

Minha cara. Forçada. Quem sabe você exigiu demais de seu marido. Faça um exame de consciência. Um simples homem casar com uma mulher que levanta quase uma tonelada não é sopa. Não há homem que levante uma mulher destas. Quem se levanta começa a fazer Yoga e levitação Oriental, bons cursos não faltam. Todo caso tente antes um tratamento com Sphrol ou Phymathosan. O Rhum Chroostado tem dado ótimos resultados. Try to do! Farwell. Odete.

Odette de Crécy

## rádio continental 1120 khz o som nosso de cada dia



minte e do

# OPINIÃO

Valerá? A pena, dá pena. A cidade é uma província, ampla e notória. E nisto ela é dura/forte, falsa/gentil. Misteriosa/mentirosa. O jornal é um parto-a-mais, um resmungo de desaproveção, um deito-duro que mexe nos aúncios e nos luminosos. O que fazer se a cidade é isto que aparece de manhã entre co-co-co-co-cós, gelatinas e despertadoras mecânicas. Que culpa tenho eu: 1) que a organização urbana seja um troço obsoleto; 2) que o viaduto novo não funcione; 3) que o consumo em PA seja mínimo, reacionário e retraído?

Ora o viaduto é muito bonito (mas não funciona), o painel do Vasco/Zorávia é velho demais para mim e, também não tô culpando ninguém. Eu não tenho automóvel (acho automóvel obsoleto paca) e não sei que dr. Silvana/muito na dôle colocou aquelas samaforas bem ali como porteiros disto que se transformou em mausoléu, motivo de piada de gente de fora, e etc. Saco. Eu co-

nheço uma cidade viva — Santo André/SP — que tem um plano urbanístico, tem dinheiro, tem uns 27 viadutos. Olha: o pessoal ri de mim quando eu falo do nosso. Eu andei exercendo minha profissão lá. Santo André é maior que PA, minha gente, e não vem com esta de cidade do interior que não pega. Maior em complexidade e em aberturas profissionais. Dirão: é por causa do dinheiro. Talvez? Olha não vi nenhum com sinaleira. Allás nem em cinema, mas tô procurando.

O Pato Macho existe. E ninguém aqui está satisfeito com ele. Eu me calo diante do Virabosta de arquitetura, diante duns caras vivos que sobrevivem naquele meio-ambiente. Mas não estamos mortos. O jornal é design. Vocês chegam a perceber isto? Se dão conta que um jornal é feito pra vender? Que vocês estão comprando isto que chamam de «por-

caria» com o maior prazer e «dentro da dialética básica de consumo?» E que enquanto ele estiver desagradoando é sinal que ele está lhes dando informação nova? Vocês não sabem nada, minha gente. Saco.

A cidade não fala outra coisa: jante os mais variados assuntos, nas mais variadas circunstâncias, e vai desembocar (quem é que já usou isto aqui no Pato?) na própria «porcaria». Acordar, minha gente, acordar... Coisas insignificantes: minha senhora, eu não bebo uísque porque me amolece as fezes, não ando com o dinheiro de minha namorada e meus amigos: eu vivo no mundo das pessoas. Só.

Vou répetir um chavão — usado por um cara que se chamava Caetano: acho que vocês não estão entendendo nada. Sóssss. Alguns: o Galvani parece entender. O Braga do Correio da Manhã entende. O Sérgio Cabral, não! e nem o Eduardo e nem o Flávio. Essa leitora de Los An-

geles, está/o Arthur, acho que não. Este tal de Dr. Não-sei-o-que... bem este troço nem existe. Lugar de múmia é em pirâmide. Faz uma em Uruguiana! A Ju, o Charles, o Primo e seu conjunto, o Heitor Saldanha... vamos fazer uma enciclopédia de

quem sim e de quem não? (Mas isto pode dar galho). A Sandra Hervé Chaves Barcellos entendeu. Garanti! O Dudu do Bondeu, entendeu? A elite pré-frontera/prá-europa/pró-nepal não está entendendo nada, porque nunca fizeram nada nesta cidade e o Pato agride esta paralela. O Pato, em si, agride tudo que está na jogada do simandol, no não-dá-pé. Saco.

Ninguém faz nada em mesa de bar, ninguém faz nada em volta da mesa, ninguém passa a salada pró meu amor, ninguém faz nada doente de burrice. Será que não aprendemos nada com Cae-Gil de 1967? Saço, então.

A ausência constrói. Foi isso mesmo que eu andei lendo nos livros abertos? A província está por fora: será esta a linguagem? Não fica nunca satisfeito, responde o mestra dos anos 50. Eu acho/tô pensando/ainda é possível?/esta cidade sem ninguém depois das 10 da noite/me intrigando/acho que tem gente morta nesta cidade. Há minutos estava falando de pessoas vivas, agora estou no centro destas rádios-guaibas - cadernos - culturais - concertos - da - pró - arte - cor-reios - do - povo - labés - classe-trainal - noticiário - internacional - tapécoara - tanto mal educado nos cinemas e nas boates também, tanto babado sobre cultura e civilização. Tanta erudição-médica - arquitetônica - jurídica - técnica. Esta tal de contracultura dos baratas. Ah! os computadores! Mas eu acho, mesmo, é que tem muita gente morta nesta cidade. Saco.

CLAUDIO FERLAUTO.



## EXPEDIENTE

### EDITORES

- Cláudio A. R. Ferlauto
- Cói Lopes de Almeida
- Luís Fernando Veríssimo

### COLABORADORES

Carlos Nobre, Renato D'Arrigo, Tatata Pimentel, Harry Sebugosa, Odette de Crécy, Marcos Faermann, Moacir Scilar, Marco Aurélio Barcellos, Góida, José Onofre, Fernando Westphalen, Vitor Vieira (SUCURSAL de SÃO PAULO), Vanderlei Cunha/Léxico, Assis Hoffmann, Luis Carlos Fali-zardo, Leonid Streliaev/fotografia, Beto Prado, Levitan, Teodoro Busch, Joaquim Fonseca, Gerson Scherer, Nélso-Laerte Martins, Henrique Arnoldt/ilustração e cartum.

### PLANEJAMENTO GRÁFICO

- SIGNOVO LTDA./ Comunicação Visual Artes Gráficas Design Industrial.

### IMPRESSÃO

- Oficinas da Gaúcha Gráfica Editora Jornalística S/A. Av. Ipiranga, 1075, fone 23-4266.

### EDITADO POR

- Grafite Editora S/A. Luclana de Abreu, 247 — Porto Alegre
- Diretores: Sérgio Alves Rosi e Renato D'Arrigo
- Editor Responsável: Luís Fernando Veríssimo.

### PUBLICIDADE E CIRCULAÇÃO

- Elói Celente
- IMPACTO Representações Ltda. Av. José Bonifácio, 595. fone 23-78-50.

Quem é o artigo não tá sempre disponível, como uns que outros, aí... Sacumé: laranja madura, na beira da estrada, tá bixada ou tem marimbondo no pé! O extensivo do MAUÁ tá lotado.

Agora, te manda pro INTENSIVO que começa dia 1.º DE JUNHO! Se tu te manca, fica sem vaga, Bicho!

FALOU!...

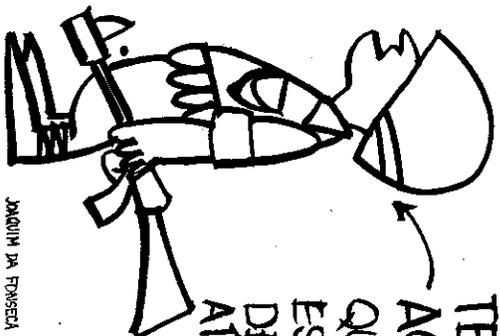
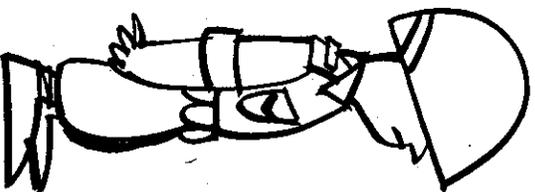
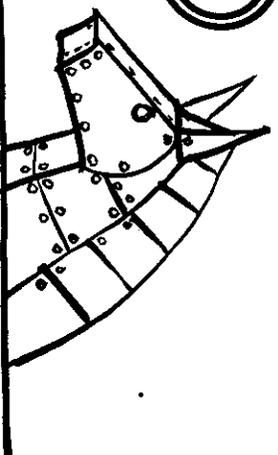


**mauá**  
TODOS OS VESTIBULARES

Rigorosamente dentro da orientação para o UNIFICADO.

Praça D. Feliciano, 78 - 3.º andar  
MATRÍCULAS ABERTAS

# PATOMACHHO



TENENTE,  
AQUELES VIETS  
QUE NOS ATACARAM  
ESTA NOITE  
DEIXARAM UM PRESENTE  
AI FORA...

JACQUIN DA FONSECA

PATO MACHHO N.º 6, 19 DE MAIO DE 1971.

Pato Machho Cr\$ 1,00



## A PATADA